





As edições da **Revista Alagunas** não possuem direitos autorais.
Podem e devem ser reproduzidas para fins não comerciais no
todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição,
preservando a fonte e o nome do autor.

revista@alagunas.com 

www.alagunas.com 

/revistaalagunas 

alagunas_ 

revistaalagunas 

Editor

Geovanne Otavio Ursulino

julho
2017
ano III#11
PE
DRA**Editores adjuntos**

Jarisson Albuquerque

Mácllen Luan

Paulo César Moreira

Conselho Editorial

Alberto Lins Caldas

Carlos Moreira

Patricia Laura Figueiredo

Autores

Alberto Lins Caldas

Alexandre Guarnieri

Alvaro Jardel de Oliveira

André Luiz Pinto

Arthur Martins

Bárbara Bento

Carla Andressa

Celso Yokomiso

Eduard Traste

Eliaquim Timóteo da Cunha

Fernanda Fatureto

Gabriel Folena

Gabriele Rosa

Geovanne Otavio Ursulino

Geraldo Lima

Gustavo Granja

Leandro Rodrigues

Lisley Nogueira

Luana Dias

Lucas Litrento

Luna Salazar

Marcela Gois

Matheus Moura Ferreira

Mell Renault

Munique Duarte

Pat Lau

Rhary Oliveira

Thiago Scarlata

Wagner Perrota

Não tem porta, é impenetrável. Mesmo partida em mil pedaços, seus mil pedaços serão herméticos. É fechada por dentro assim como é fechada por fora, porque nela não há sala vazia e em nós não há a necessária concepção.

A palavra, quando dita, pode ser um instrumento cortante ou uma esfera polida. Pode ser lançada ou irremovida. Pode ser peso, apoio, percalço, brilhante ou punhal. Seu poder incomensurável e sua profundidade absurda cabem em silêncios como cabem em monossílabas. Usamo-la mais como quem a contém quando ela a nós é quem domina.

Szyborska, poeta polonesa da primeira metade do século XX, conversa com a palavra e em seu palácio quer entrar, mas esta, sob a alcunha de pedra, lhe diz: *com toda minha superfície me volto para ti / mas com todo o meu interior permaneço de costas.*

Alagunas #11 não quer na pedra entrar. Não a busca entender ou aspirar. Mas a usa. Pega, arremessa, move, lasca, remove, despedaça e esculpi. Pedra é a gota d'água, o papel, o fio do cabelo, a partícula do mundo. Não está para ser entendida, está para ser usada.

Editorial

ISSN
2447-1003



alexandre
Guarnieri

*Uma noite encontrei uma pedra
oh pedra pedra!
verde ou azul, de lado, como se estivesse morta.
[...] Vi que havia em mim um pensamento
inocente, uma pedra
quando se entra na noite pelo lado onde
há menos gente.
Ou era um sino de um futuro
maior silêncio, tão
grande silêncio para se abrigar só em gestos.*

Herberto Helder

não da pedra à perda: calcário e areia.
nem pedra cuja área se perca ou retraia.
não é a pedra de água: o frágil gelo que
valha. não é de pedra pequena que algum
alpendre prenda. nem essa pedra que
quebre: granito podre e breve. não é
a pedra que parta ao peso que antepare.
nem a pedra de ventre onde algum fruto
arrebente. mas a pedra de ser pedra
sendo-a simplesmente, pedra que não
desprenda de sê-la possível sempre.
pedra tão imprópria ao olho que imagem
não recolha por ser tanto nela mesma
o bloco que lhe é comum. tanto deserta
a pedra que destino algum destrua um
poder seu de ser pedra que de nada mais
dependa. pedra densa, perene, serena a
forma que tenha a límpida geometria dessa
área impenetrável. pedra tanto repleta de ser
pedra sendo-a sempre que não haja
ideia sequer para algo que não a seja.
pedra bruta, sombrosa, que não tendo
dentro ou fora sendo o centro que é inteira
a sua matéria severa. pedra sem erosão,
que, inerte, por quantos séculos penetre,
permaneça tão completa bem como descomunal.

pedra
fundamental

*Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Carlos Drummond de Andrade

não da pedra ao grão, a rápida gangrena da partícula calcária, nem a pedra cuja perda retraia sua própria área, sequer areia de ampulheta, lenta: mero farelo transitório. não é a pedra de barro: úmida, dúbia, involuntária. mas a pedra, ao contrário, peremptória, clara, sólida. não é de pedra quebrável que alguma pressão rebentasse, mas da pedra a supremacia de sê-la perpétua e integral. pedra essa de ser pedra simplesmente sendo-a, pedra que não depreenda de nada sê-la outra coisa, a não ser ela, nela, severa e irreversível. eis a pedra eternamente imprópria ao globo ocular dos homens que imagem não escolham por ser tanto nela própria um único monolito incólume. pedra isenta, indiferente, que tempo algum a destrua, nenhum fóssil a habite, pedra sempre sem ventre nem fenda, sem centro (ou dentro). pedra perenal, sem origem, sem exigência pretérita, e nem mesmo por isso inédita ou preterida, apenas a existência presente a desenha exatamente represada à geometria cristalina de sua matéria irrefutável. base de pirâmide, pedra de catedral que, liberada (mesmo sem prender-se a nada, está, entretanto, arrematada), erigiria já sem presumir recompensa, qualquer abside colossal, único símbolo pétreo, tremendo, de sua absoluta deferência.

outra
pedra
fundamental

I

por que um cão sangrento
atravessa-nos à noite
e reduz a lua com
seu brilho no esgoto
numa parca brancura
disforme moldada
ou uivo do mal agouro
encarcerado/ sombra des-
fragmentada num osso
de nossa própria (in) existência
as vísceras repugnantes
à mostra para consumo
da matilha e suas fartas mandíbulas.

II

O ventre exaurido do parir eterno
constante:
palavras, palavras, versos
desarticulados/ disformes
e tão orgânicos.

4 ceñas
do cão
Andaluz

III

costumeiramente rasgados
no cordão arrancado
com navalha fria, afiada
bem trabalhada.

IV

no rescaldo de tudo
o cão - o grito
se deita - carne viva
restos da pelagem
moldura mórbida estática
da sala de jantar imponente
com seus móveis discretamente apoiados
em calços vermelhos e
nas sombras tortas desfocadas
de todos aqueles animais mortos
da família - empalhados
o sangue que ainda respinga
pisado.

Brasil XXI

patopatetapateticepatético

opatopatetapateticepatétic

copatopatetapateticepatéti

icopatopatetapateticepatét

ticopatopatetapateticepaté

éticopatopatetapateticepat

téticopatopatetapateticepa

atéticopatopatetapateticep

patéticopatopatetapatetice

O Quarto

desde que deixei meu quarto
minha mãe vela ali
a ausência de um menino

(quarto que à sua medida
é maior que a própria casa)

não nasceu um sol
nem subiu uma lua
sem que ela, esfregando cada canto,
cada móvel, cada troço,
não descarregasse
seu zelo ao filho invisível
abraçando um travesseiro
do qual já não lembro

desde que saí
minha mãe experimentou
toda configuração
possível num quadrado
puxou mesa,
moveu estante,
arrastou armário
e abriu a única janela
(já estão todos frouxos
os parafusos de meu quarto)

e numa última tentativa
passou uma antiga camisa
que hoje não me cabe
delegando ao ferro quente
o papel de um pai
que traz de volta o calor do filho

minha mãe sempre soube:
quando as coisas ficam
muito tempo paradas
forram-se de pó.
conformamos o tecido da lembrança
encardimos, mudamos as roupas,
trocamos de cama...

menos minha mãe
que se agarra ao seu endereço
e dali nunca mais.
fumando um filho transparente
num quarto nublado
e nele soltando juras
pela fumaça



Insetos

gerald Lima

Um inseto escala atônito o vidro da porta que dá para a sacada. Ele sobe, ágil e aflito, para dar em lugar algum; depois desce, até topar com o limite do piso, e então se apavora, ameaça um voo ao mesmo tempo em que emite um som forte, de motor ligado, mas querendo falhar. Sobe de novo, movendo agilmente suas pernas longas e finas.

Poderia ser Gregor Samsa [protagonista da novela *A metamorfose*, de Franz Kafka] já de posse do domínio completo das suas perninhas, mas o inseto em que ele se transformou não tem asas: suas "costas duras como couraça" [num primeiro momento] não lhe permitiriam subir leve e rápido assim pelo vidro. O desespero pode ser o mesmo do personagem de Kafka, tentando escapar do quarto e do pesadelo em que se vê preso. Esse zumbido pode ser o mesmo da voz que Gregor Samsa tenta articular para se comunicar [em vão] com seus familiares. Não sei que inseto é este. Não é uma mosca [se for, é gigante], tampouco um marimbondo [me parece rechonchudo demais]. Um tipo de vespa, será?

Agora se meteu entre o vão de um vidro e outro, mas sem chance de encontrar uma saída: a porta está semifechada e por ali não há passagem. Diferentemente dos que cercam o Gregor-inseto, devo ajudá-lo a escapar desse espaço liso e, provavelmente, infinito a partir da sua ótica de inseto. Depois de ler Kafka, essa visão do ser [seja ele qual for] enalacrado nos labirintos do absurdo nos parece intolerável.



mas há sempre
nesses tempos de agora
uma criança que chora

um choro de criança
lá fora

mesmo se sol
mesmo se azul
mesmo se água

se campos e lavandas
há uma criança
que chora lá fora

como flores raras
cortadas

Pat
Lau há agora
uma criança
que chora lá fora

*

O
nome de
todas as
coisas



quando o céu foi separado da terra
quando a terra foi separada do céu
quando o nome de todas as coisas
foi determinado

parecia q tudo era harmonia
pairando sobre as águas
doces salgadas frias quentes
parecia q não existia mistérios

quando o céu foi separado da terra
construímos nossas casas
construímos nossas cidades
todas as coisas cada vez maiores

plantamos nossos grãos
criamos nosso gado
fundimos nossos metais
parecia q tudo era harmonia

protegidos por nossos deuses
rios senhores protegidos
por todo lado protegidos
de todas as coisas

engordamos mais q o gado
plantamos mais do q comemos
dormimos mais do q precisamos
bebemos mais do q podemos

esquecemos q
quando o céu foi separado da terra
quando o nome de todas as coisas
foi determinado

tantos nomes se perderam
sentamos nas praças
ouvimos poemas no anoitecer
olhando as águas do grande rio

parecia q tudo era harmonia
olhando pralém do horizonte
pra onde nunca fomos
pra onde ninguém nunca voltou

esquecemos q
quando a terra foi separada do céu
quando o nome de todas as coisas
foi determinado

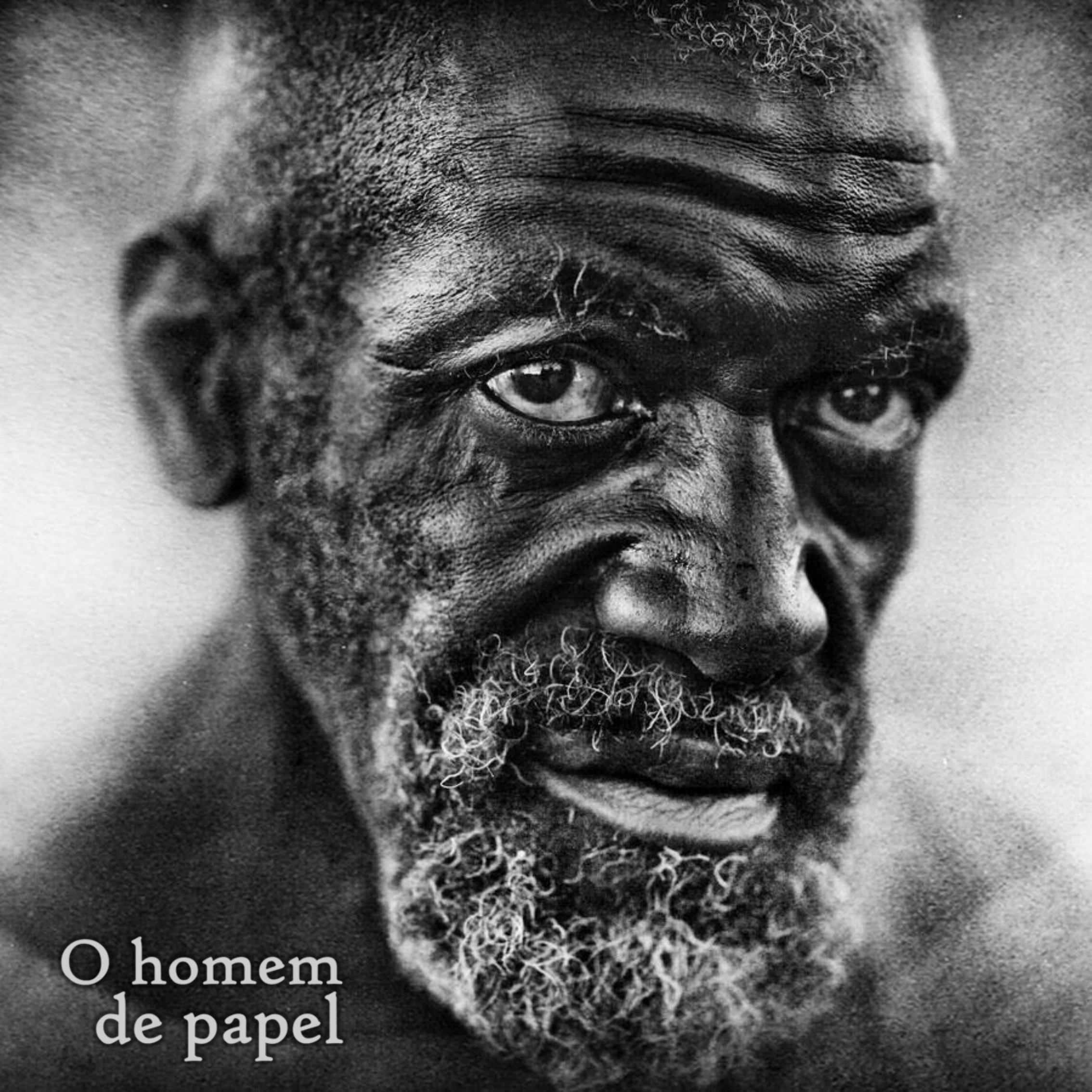
recebemos o nome de servo
pra servir os senhores
q nos deram nosso nome
mas engordamos mais q o gado

plantamos nossos grãos
construímos nossas cidades
fundimos nossos metais
bebemos mais do q podemos

sentados nas praças
olhando pralém do horizonte
olhando as águas do grande rio
avistamos as imensas bestas

vindas de onde ninguém nunca voltou
parecia q não existia mistérios
mas nossos senhores
q nos deram nosso nome

nos fizeram lembrar q
quando o nome de todas as coisas
foi determinado
recebemos o nome de servo



O homem
de papel

Então acaba-se assim um homem
Num segundo – e já não existe mais.
O que fez; o que não fez – a tarde
O que faria; o que desejaria ainda.

Ponto final. Vira-se a página.

O homem é passado. Passou.

Recorte de recortes.

O livro fechado esquecido.

Mera ilusão. A noite
Empoeirada em estantes,
As revoltas (reviravoltas),
O sofrimento, a chama.

Sequer o adeus reservado.

Apaga-se.

leandro
Rodrigues

alvaro
jardel
de Oliveira



A
vidraça
que nos
separa

Casa grande: outra

Outras: senzalas

Sem alas

Sem ada

n-a-d-a

nd

aa

reduzidos

rostos juvenis

fumaça e ardume

vidro-muro

espumas e cristais

outra casa

alas outras

quem quebraremos aquela vidraça?

*

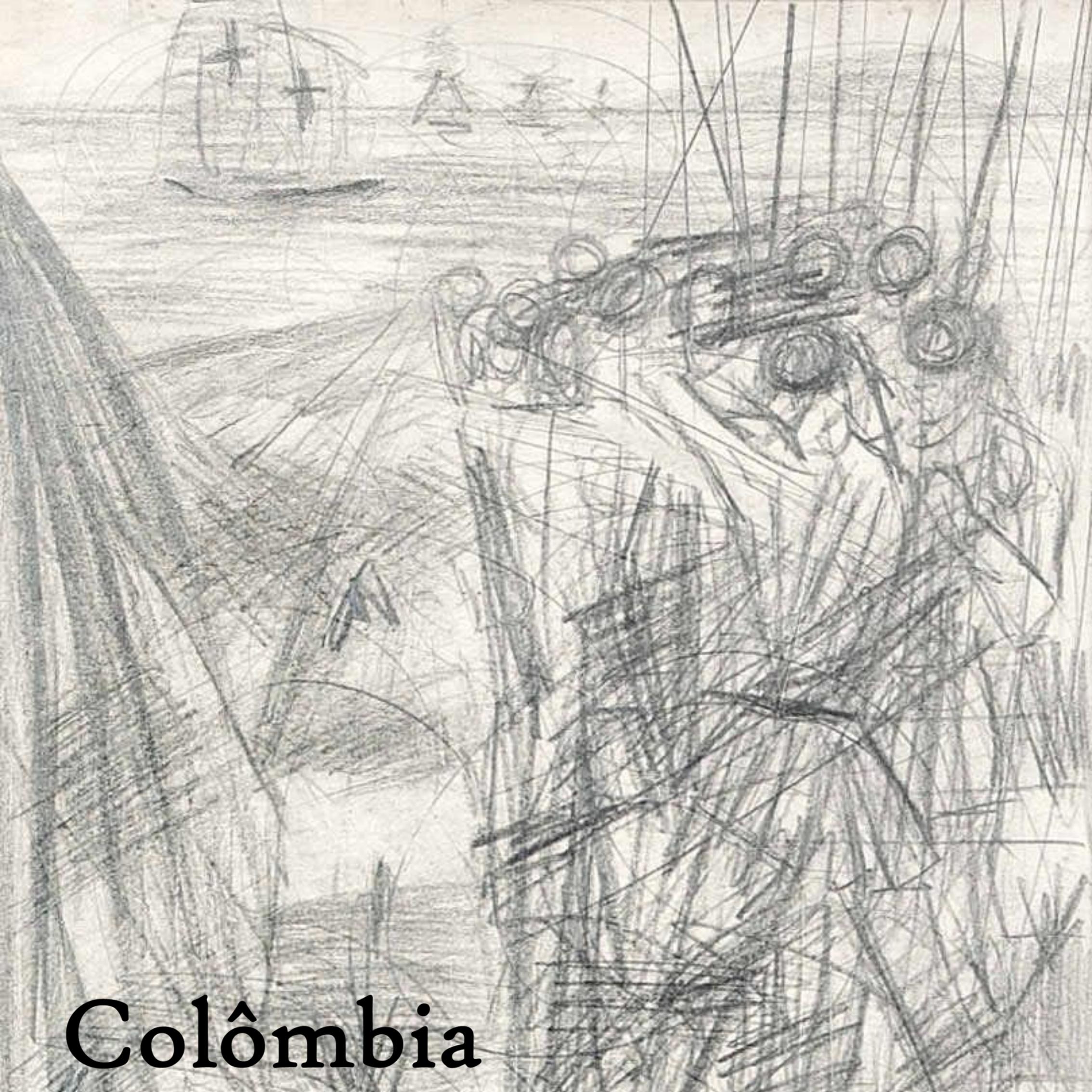
lá fora, por mais que exista silêncio aqui dentro do quarto,
[consigo escutar os segundos em gotas de chuva
Assim como consigo disfarçar os ponteiros das horas
[usando um relógio digital
os números mudam, as gotas mudam, e eu?
mudo, porque não há palavra alguma que seja capaz de
[enriquecer um poema
ou quem sabe, uma rima
uma vida, uma volta
até mesmo um ciclo

não faz sentido escrever sobre o silêncio das coisas
ou querer justificar um olhar que, por mais que seja meu,
[ninguém sente ou segue
olhar de um poeta que ninguém enxerga
mas que cega qualquer outra opinião

eu
no silêncio das coisas
afirmo que o destino é utopia
mas que nessa chuva fria
esquento a palma da mão:
futuro que ninguém lê.

*

luana
Dias



Colômbia

o mundo já foi uma ilha,
uma aldeia,
um litoral
de pedra, madeira, de cal
então
inventaram o cimento

o mundo era pequeno
não bastava ao homem seus castelos,
um reino ou um império
e os tantos seres que domou

o mundo estava chato
então Colombo arredondou

thiago
Scarlata



gustavo
Granja

O nascimento de Jorge D'

eu sou o texto na boca do esgoto
eu sou a própria boca
eu sou o desembocar dos dejetos
eu sou carne para os insetos
eu sou papel para os incertos
eu sou corrente para os braços
eu sou coisa e limpador de louça
eu sou jogo e maço

mas é que eu sou traje
é eu sou roupa
eu sou manga comprida
eu sou calça mordida
eu sou escárnio
eu sou sem margem
e soo assim

*

Talvez eu fosse
O elefante do circo

Talvez eu fosse
A pedra de Sísifo

Talvez eu fosse
O fio de Teseu

Talvez eu fosse tudo
Menos eu.

*

luana
Dias

Das habilidades que o mercado não quer comprar

Acabo de chegar de uma entrevista em uma agência de empregos, me olho no espelho, e me deparo com uma verdade: eu não sirvo pra isso.

Tudo começou quando tive que preencher um formulário que me perguntava o que eu queria ser, e como se não bastasse a complexidade da questão, eu tinha que responder com um X, com um único X, dentre quatro opções. Como raios um x, um único x, dentre quatro opções, iria definir meu querer? Meu querer é imenso, e, além disso, a opção "não quero fazer nada disso" não existia, então entre marcar vendas, telemarketing, administração e informática, marquei a primeira opção e esperei ser chamada.

Mas esperei mesmo. A sala lotou e eu estava esperando. A TV mostrou a candidatura de todos os políticos da cidade e eu estava esperando. A coluna doeu e eu estava esperando. O celular descarregou, a fome bateu, a cabeça trincou, o sapato roçou no calo, e eu continuei lá. Esperando.

Me chamaram, pois uma hora haveriam de me chamar. Entrei na sala de entrevistas.

- Olá, boa tarde.
- Boa tarde.
- Que moça bonita (risos)...
- Ah, obrigada.
- Vamos começar a entrevista, certo? Me diga duas qualidades suas e dois defeitos.

Porra. Como assim? O que eu poderia dizer honestamente naquele momento? Tentei lembrar alguma resposta inteligente, que algum empreendedor tivesse aconselhado no programa da rádio da manhã, que convertesse meus erros de um ser jogado assim no mundo em algum motivo para ser contratada. Pensei na qualidade de analisar os problemas a fundo. Mas isso não serviria. Pensei no defeito de querer viver sempre mais, tudo, agora. Mas o que ela ia me dar ia tirar minha vida de mim, então não serviria também. Pensei nas vezes que ouvi meus amigos, que falei, pensei nas letras que li... Pensei em todos os eus que fui, que sou a cada momento, que desejo ser e os que logo não serei mais e não deu. Pensei em dizer aquele erro da semana passada, mas não é justo, eu quero mudar. Pode mentir? Claro que pode. A partir de que momento? Será que ela já mentiu e eu sou feia? Falei qualquer coisa em relação à organização e liderança, que pelo movimento da boca da moça foi bem aceita, apesar da demora. Pronto, agora vão me chamar de indecisa, não tenho mais como...

- Quais são as suas habilidades?

Pensei em tudo que seria útil para conseguir qualquer coisa naquele momento e só me veio à boca: nenhuma. Escrever? Tocar? Dançar? Encenar? Debater? Explodir a cozinha? Caralho eu não sirvo pra nada mesmo nessa porra. Será que eles querem alguém que fale do ser social? Eu poderia falar um pouco de cinema... Filosofia?

Enfim, eu disse que tinha facilidade com relacionamentos interpessoais, uma forma cult-empresarial de dizer que tenho amigos. E eu acho que nem tenho tantos assim...

- Você já fez algum curso profissionalizante?

Moça eu mal tenho tempo e dinheiro pra fazer os cursos que eu quero quanto mais passar o dia em uma sala aprendendo a mexer no pacote Office e a contar FGTS.

- Não, não tenho.

- Gostaria de ver nossos cursos?

Rapaz se tivesse um curso de circo ou cerâmica...

- Sim, com certeza.

- Temos um pacote de 300 reais com aulas aos sábados que garante seu aprendizado de escritório básico, e com ele, dentro de três meses, já colocamos você no mercado de trabalho.

Então...

- É importante hoje em dia estar preparado para o mercado. Você se considera, hoje, pronta para essa função?

Em que sentido? Psicológico? Espiritual? Quem se considera, não é mesmo? Respondi que dependendo do que precisasse fazer, sim. Acho que o critério de estar pronto pro mercado é a fome, senhora. Ou o medo dela...

- Por que você quer esse emprego?

Moça eu não quero esse emprego, mas como você sabe, precisamos comer né.

- Ah, eu quero me desenvolver profissionalmente, lidar com desafios, bater metas.

- Você tem experiência?

- Não, ainda não tive esta oportunidade.

Fica complicado achar um emprego quando se precisa de experiência e ninguém te dá um emprego porque precisa de experiência mas ninguém te deu um emprego porque....

- Tem veículo próprio? Notebook? Iphone para baixar o app da empresa?

Moça eu só tenho 15 reais. O resto eu gastei com xerox. Acho que se eu tivesse dinheiro pra comprar veículo, notebook, iphone eu não estaria em uma entrevista de emprego para um dia quem sabe poder comprar veículo, notebook, iphone...

- Não...

- Ok, muito obrigada. Entrarei em contato em breve confirmando sua vaga. Caso contrário, seu currículo ficará guardado no nosso banco de dados para eventuais oportunidades.

Então a pessoa ainda tem que ficar esperando um telefonema que pode não acontecer? Nem pra ligarem pra me falar não? Na certa deveriam abrir o emprego de recusador...

Eu não sirvo pra isso não.

Ninguém serve.

*

Na minha lápide não escrevam meu nome
Não posso enterrar um eu apenas
Já que sou centenas de corpos em apenas um

Não escrevam sobre o meu túmulo
qualquer poema meu
Já que todos eles me descrevem mas nenhum é completo por si só:
é como dar meu nome a uma estrela
que anos depois apaga
e morrer uma (só) vez me basta

Escrevam apenas: silêncio
E ele dirá tudo o que em vida
Eu sempre quis dizer.

*

luana
Dias

Loucos

Antigamente (e digo isso só por força de expressão mesmo), uma pessoa que andasse pela rua falando sozinha (falando e gesticulando!) era, sem dúvida alguma, louca. Era o diagnóstico mais preciso que já conheci. Havia, inclusive, as que, além de falar com o invisível, costumavam se esmurrar. Esmurravam em si, talvez, o inimigo ausente.

Conheci uma dessas pessoas. O sujeito era alto, cabelos desgrenhados, a cara de boxeador que só apanha. Rezava a lenda que ele havia batido na mãe e por isso ficara daquele jeito. Morria de medo dele. Melhor: tinha pavor! Era avistá-lo ao longe e eu pegava um desvio de quilômetros de distância.

Hoje não é mais assim. Vez ou outra nos deparamos com alguém falando sozinho, gesticulando, bradando até, e, assim que vamos lhe aplicar o antigo diagnóstico da loucura, o engano se desfaz. Descobrimos, entre o alívio e o espanto, que essa pessoa, na verdade, fala ao celular, através de um fone de ouvido e um microfone, com alguém distante. Tudo muito camuflado, quase parte do corpo. Por conta disso (e talvez por reflexo do passado), já até mudei de fila em supermercado, sacolão e banco ao ver alguém, à minha frente, falando sozinho. Falando e gesticulando. Alguns, mais exagerados, até esmurram o ar.

gerald
Lima

Ela nunca me abraçou

Flor... rósea! 126 mortos em um ataque químico... Estive lá todo o tempo. Usado, banido, forjado... Dizem, que próximo do fim vemos cores... O agora é vermelho! Ela não nasceu. Sinto falta de quem não conheci. O odor noturno e, adocicado, prenuncia a ausência... Angústia tola, vazio real. Sinto-me sombra. Num vai-e-vem alucinante, pessoas fingem me sentir... Olhos opacos me usam como artifício. Transmutado em desejo, ganância... Dor!... Múltiplo, solitário... Andarilho, fujo da eternidade! Quero ser livre. Conjugado... Eles ainda não aprenderam. Ela nunca me abraçou. Morri para germinar!

Flor... Branca! Me tornei objeto... Mercadoria! Trocado, distribuído como remédio... Quanto absurdo! Vi do que são capazes: Um misto de bondade e desespero. São únicos... Sinto que falta uma! Meus frutos... Gosto de observá-los, quando distraídos é hora de agir! Corro para não perder nenhuma oportunidade... Aproximo, calculo, meço... Ataco! O riso é garantido... Crianças grandes... Chego como a infância esquecida, ensino a andar... Sem os pés! Acusaram-me de crimes que não cometi. Ainda acredito neles!

Folha flutuante. Conheci o fracasso... Aqueles dois exemplares jamais me experimentarão. Quanta vida perdida! Quantos sentidos vetados... Não foi minha culpa, faltava alguém... Eles não se enquadravam no padrão dos pares. Escolheram ser ímpares! Procurei sem sucesso um par para cada um deles... Marcus e Rafael continuavam sozinhos. Em um breve instante, vi cores similares nos dois... Eles seriam felizes juntos se tivesse mais uma cor para uni-los. Ela... Essa falta que sinto... Quem não sei nomear, sim... Se ela existisse, eu faria um casal de três...

gabriele Rosa

Hoje ninguém deu bom dia aos fantasmas que moram nas ruas da cidade. O sol não sai mais do céu. O ipê aguarda o plantio... Não vi choro ao avistarem um Monet, não falaram de Camille Claudel... O dia está diferente! Ninguém vai abraçar árvores? Eu sofro toda vez que me usam sem verdade! Lançam bombas, violam o outro, mentem... Criam armas... Parem! Antes que matem inocentes. Como gosto deles! Criativos, afetuosos... Surpreendentes! Se eu pudesse ser outro, seria um deles!

Rizoma. Janis, Kurt, Cássia, Amy... Meus frutos!... Fui volume máximo! Efemeridade intensa... Correnteza abundante. Conheci Tereza... Não teve filhos: apegou-se a frutos alheios; morreu sem sentir a reciprocidade de um fruto. Aproximei-me dos Rosas. Um clássico casal... Lembro-me bem do dia que os aproximei... Dalva queria o outro, mas eu escolhi Humberto! Um imprevisto e tudo aconteceu: Eu nasci neles. Quatro filhos e duas netas... Mas uma das filhas não está feliz... Vera me culpa! Ela me quer em volume máximo!... Não posso ajudá-la... Ela precisa aprender a escolher! Os amigos de Tereza são pessoas incríveis... A família Rosa é muito querida!

Semente... Um casal que não queria ser casal... Convenções!... Eu queria estar ali, mas poderia ser arriscado... Casados para a sociedade, vizinhos na realidade... Uma menina que sonha em ter uma irmãzinha... Quero realizar seu sonho... Um acidente radioativo com césio 137 acabara de acontecer... Preciso ir... Enquanto houver um coração cheio de amanhã, eu estarei lá...

nessa manhã não me acorde
vista sua roupa ou tome banho e vá
quero dormir até esquecer o gosto podre
da sua rola o cheiro podre da sua boca
vista sua roupa ou tome banho e vá

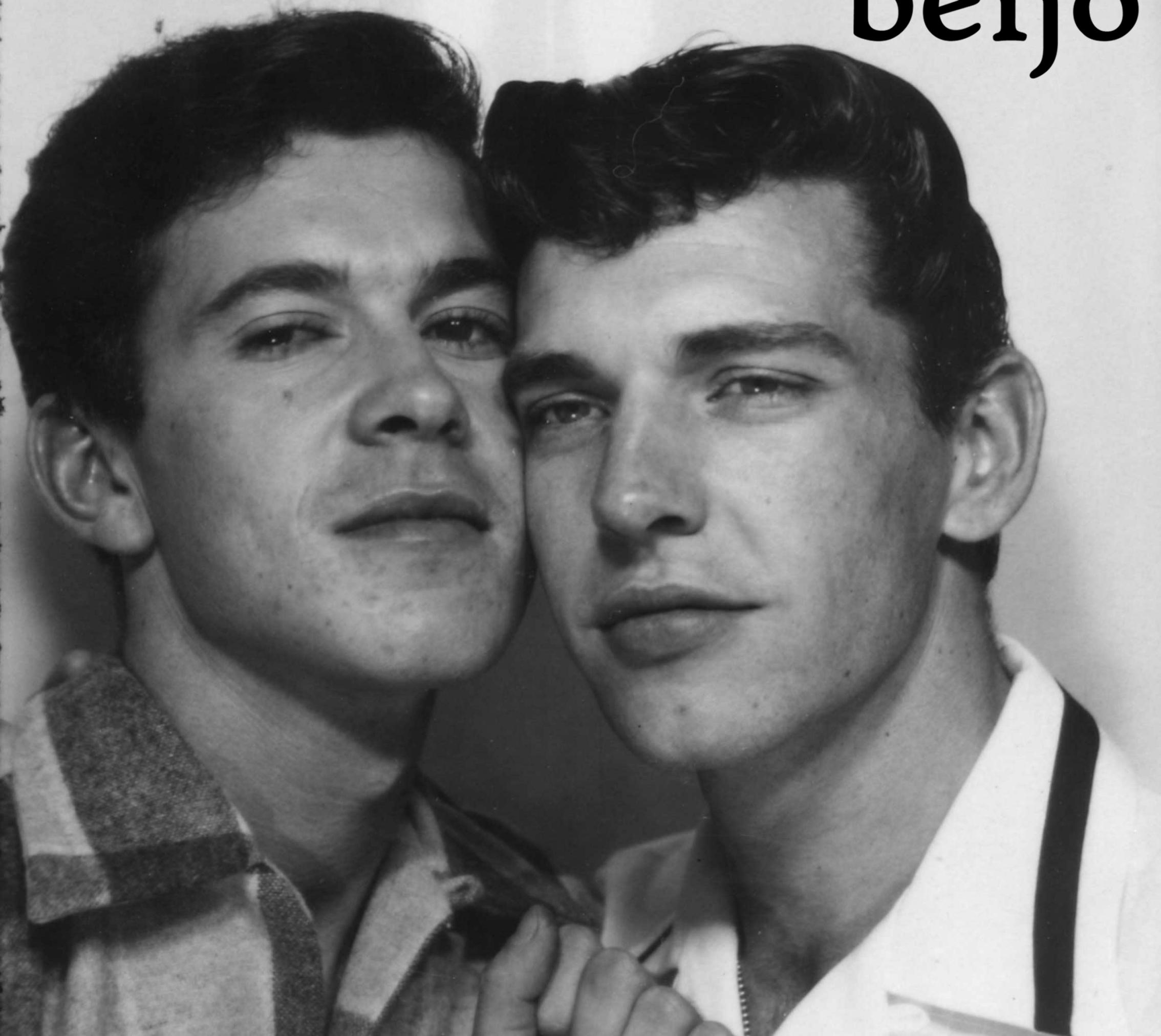
minha doença bate no teu peito
respira nos teus pulmões minha doença
escorre no teu corpo peludo enquanto você
me enfia goela abaixo um jorro
quase sem fim de porra quente

nessa manhã não me acorde
quebre as janelas amasse as panelas
mastigue os cacos dos pratos quero dormir
até meu rabo parar de arder quero dormir
até a noite chegar começando tudo outra vez



a.
noite
sempre
volta

O beijo



Era a primeira vez que beijava um homem: a pele áspera e a barba por fazer contrastavam com a maciez do lábio grosso. Os sons distantes, que antes reforçavam a sua paranoia, cessaram por um momento. Na ponta dos pés, afagou o desejo num único fôlego. O beijo duradouro, premeditado, ecoou no seu íntimo. A pele preta do homem beijado refletia o único feixe de luz que vinha do carro que deixava o estacionamento. O ronco do motor abafava a respiração próxima. Olharam-se do mesmo modo. Fez-se trevas e os dois corpos se afastaram. Passos agitados ecoaram no espaço vazio; acima, vinte e cinco andares altamente higienizados. Era a última vez que beijava um homem.

— Já voltou? Achei que você fosse encontrar uma amiga.

— Era só pra... pra entregar um pen drive. Coisas da facul, sabe?

— Uhum. Me dá aqui o controle, bebê. Tô com preguiça de levantar. Teu pai tá ficando velho. Brigado, meu bem.

Foi para o quarto. O coração batendo rápido. Sentiu a pele quente, os braços suados, todo o corpo estava úmido. Soltou os longos cabelos crespos, seus cachos se espalharam nos ombros. *Vai pro estacionamento. Eu tô na esquina e tenho que te falar uma coisa, vai ser rápido.* Já imaginava as segundas intenções do outro, por isso tomou um banho de perfume. Olhou-se através do espelho, lembrando os acontecimentos dos últimos minutos. O telefone tocou. Atendeu, mas não disse nada. O silêncio causou uma tensão constrangedora e, ao mesmo tempo, um charme sutil que fez os dois sorrirem secretamente enquanto esperavam quem ia falar primeiro.

— Foi bom.

— Eu sei.

— Sabe que foi bom ou sabe que eu sei que foi bom?

— Os dois.

— Você é lindo.

— Você também não é de se jogar fora, hein... Tô brincando, haha.

— Sei... Olha, tenho que desligar. Preciso terminar uns trabalhos.

— E você vai conseguir se concentrar? Acho qu-

— Para! Vou tentar, mas sei que tá difícil. Satisfeito?

— Beijo, bebê.

— Não me chame assim. Ainda. Quero te beijar de novo. Tchau.

lucas
Litrento

O pai desgrudou o ouvido direito da porta do quarto. Das frases que ouvira, uma ecoava na sua cabeça: você é lindo. Foi a gota d'água. Correu para a cozinha e abriu a geladeira. Tomou o resto da vodca que estava escondida há semanas. A frase martelando. Tocou no cinto que sustentava sua calça jeans velha e cerrou os punhos.

Três batidas fortes romperam o silêncio do quarto.

— Pai? Que susto, o que foi?

— Abre a porta.

— Tá aberta. Oi, tudo bem? Cê tá com uma cara estranha.

O pai desfivelou o cinto lentamente. Lágrimas brotaram dos seus olhos pequenos. O cinto esticado, a fivela tocou no chão.

— Pai, você tá me assustando. O que é que tá acontecendo? Eu não fiz nada.

Você não é assim, não tô

— Tira a camisa.

— Mas

— Tira a camisa. Vou te ensinar a ser homem.

Anansi diz que é um de nós
mas ele é um deus, não existe
E eu sou carne à venda, um
pedaço enegrecido
de terra batida cicatrizada

olho para a sua pele
somos pretos
somos nada

talvez fosse melhor
ser apenas uma ideia
uma palavra que antes de ser escrita
sabe que já foi

mas eu sou dor
sussurram os grilhões
eu sou posse
gritam os açoites
eu sou preto
falam os deuses

lucas
Litrento

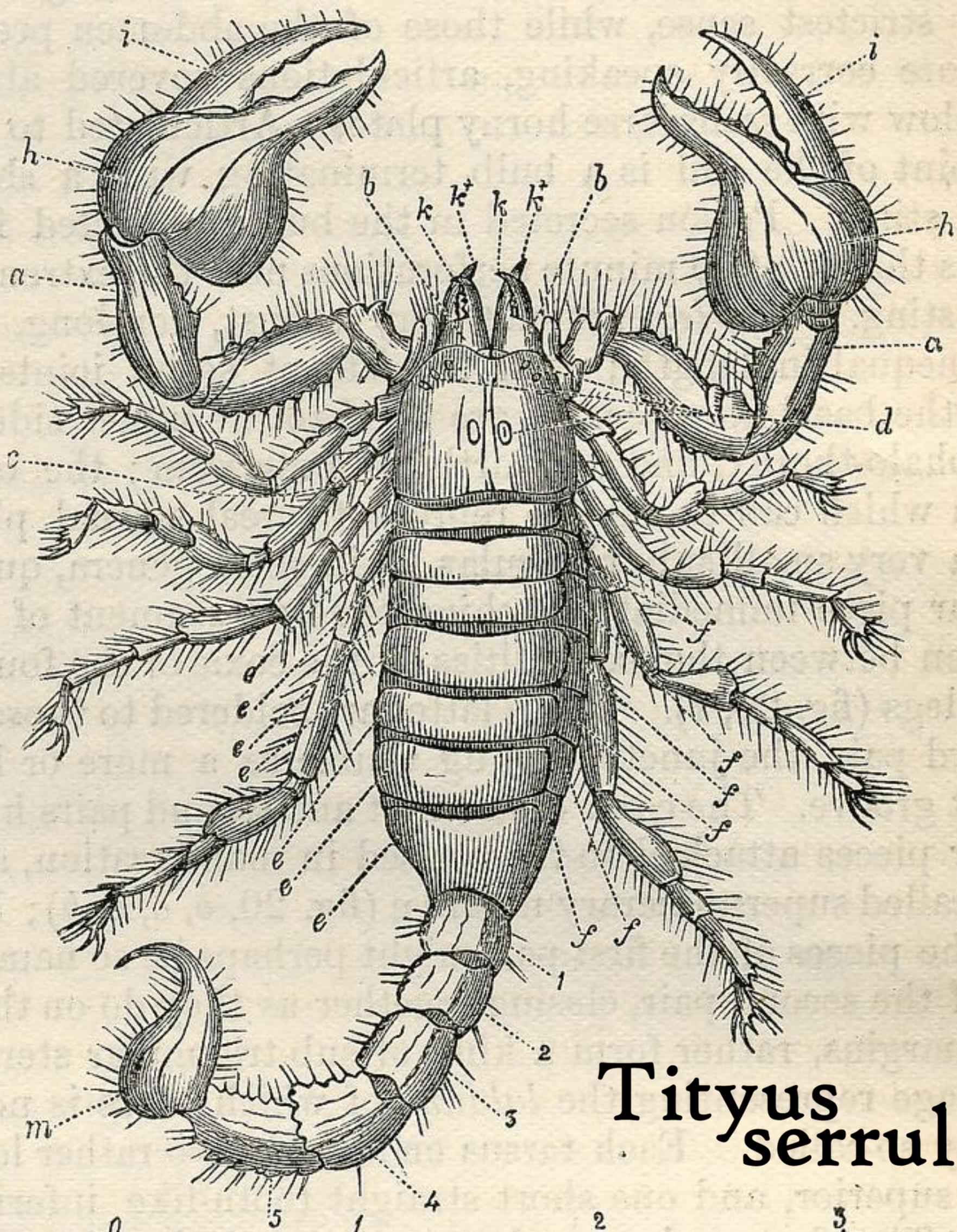
Miles Morales
num navio negreiro



Delírios,
mínimos

fernanda
Fatureto

Não olhei para trás,
Algo parecia distante e assustador:
um cheiro de névoa que vem do norte.
Como nos países nórdicos,
a emoção nunca vem antes do primeiro gole.
Não estarei à beira de um colapso nervoso como nos filmes de Almodóvar,
Nem direi adeus quando ainda houver o pôr do sol.
Faço paródia de todos os filmes cult que você gosta.
Feito um gato,
Lambo teu nome riscado no meu braço com esferográfica:
Traços de delírios mínimos.
Feito miragem nos olhamos e nos reconhecemos nessa língua estrangeira.



**Tityus
serrulatus**

Lábios que sugam e tudo devoram...

Neve em palavras
que caem feito rochas...
Olhar sem pupila: fenda
onde há morte para dois

Dedos frios escrevem em dueto
no vapor do vidro
onde a névoa adormece
sobre a carcaça florida

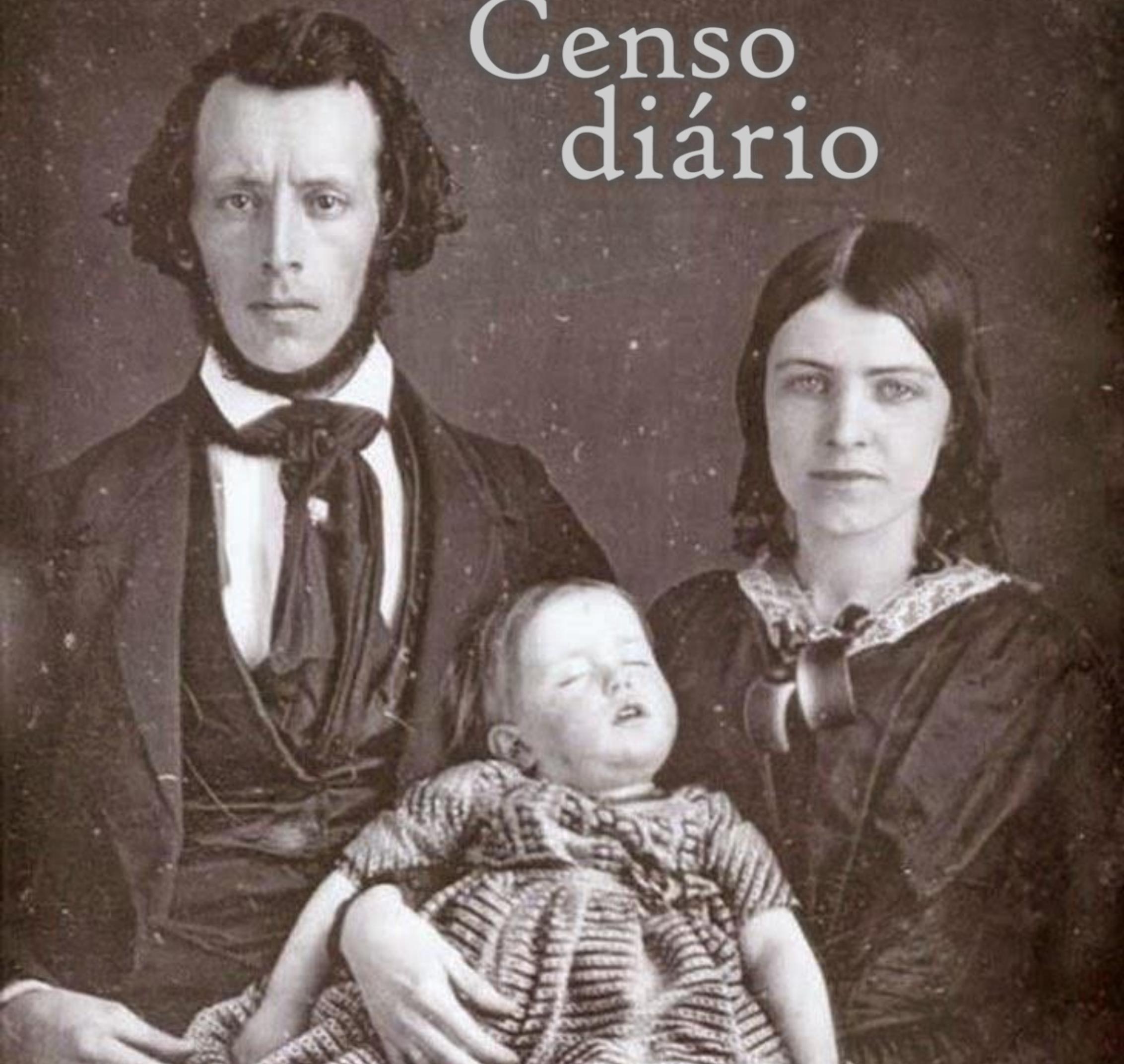
Talho na face
que mostra dentes brancos
e a língua que mapeia o imprevisto
numa trilha de sinais...

Veneno que antes era mortal
Agora corre em veias
que pulsam calor

gabriele
Rosa

gabriel
Folena

Censo diário



A pior coisa não é acordar sem esperança; não é afastar o travesseiro, a manta de lã ainda quente e o sonho próspero. Não é tomar o banho às pressas por demorar demais afagando com inveja o cachorro enquanto ele mexe as patinhas, mesmo com o olhos fechados.

A pior coisa não é acordar o corpo com água fria, porque não há chuveiro elétrico; não é encarar o metrô lotado, o pão dormido, a chuva que faz o barro respingar na farda branca, o atraso registrado no cartão de ponto.

A pior coisa não é se sentir claustrofóbico num lugar onde nada funciona direito; nem o ofício, nem os sorrisos, nem os relógios. E sim, ouvir "a minha filhinha morreu!", pela boca de alguém aos prantos, aturdido por não poder voltar no tempo. Isso, e ter que escrever o nome da criança no mapa de órbita.

lisley
Nogueira



Confissões
de Armênia

Olho pelo buraco da fechadura.

Porque não me chamaram para a conversa. Não posso ver bem através de um buraco tão empoeirado, mas é o que tenho no momento, depois de tantas adversidades vividas por aqui.

As pessoas que observo não cabem bem na visão que tenho, quadrada embaixo e arredondada por cima. É uma fechadura de uma porta antiga, pois sendo moderna nem daria para investigar nada.

Vejo que Armênia está chorando diante da mãe e que gesticula muito. Parece estar explicando algo que não está convencendo. Sei que Armênia está envolvida em um romance o qual a família não aprova. Já faz um tempo que a vi andando na rua com um rapaz de camisa azul e barba ruiva. Não o conheço. Muito menos o conhece a família de Armênia. Disse a ela para tomar cuidado. Mais com a própria família do que com o rapaz. Mas não me deu ouvidos. Ficou com raiva de mim. Rompemos contato. Armênia é filha única e muito mimada. Mas creio que agora a mãe já sabe de tudo. *Elle s'est perdue.* Atrás da fechadura, observo que Armênia quer convencer a mãe de algo. Que o rapaz é bom? Que, na verdade, não está com ele? Que não está grávida? Isso! Talvez esteja grávida! Saio do buraco da fechadura e colo meu ouvido na porta. A madeira é grossa, de lei. O quarto é imenso. Tudo que posso fazer é ouvir e ver a distância. Não consigo compreender muita coisa. Armênia não fala mais comigo. Só poderei concluir algo depois que elas saírem do quarto, analisando seus comportamentos, escutando atrás de outras portas, buscando outros buracos de fechaduras.

Armênia chora sem parar. A mãe anda de um lado para o outro, preocupada. A filha, com certeza, fez alguma coisa muito grave. Não sei quando sairão do quarto e acho que ficar aqui não adiantará muito.

De repente, escuto passos de Armênia em direção à porta. Saio depressa e me abrigo no vão de uma porta ao lado. Ela sai e desce as escadas. A mãe continua no quarto. Devagar, aproximo-me da porta aberta. Sentada na cama, continua com o olhar perdido. Sem notar, já estou diante dela e pergunto por Armênia.

Agora sei que Armênia está grávida de um rapaz completamente desconhecido da família. Sim, aquele de camisa azul e barba ruiva. O que será de Armênia? Ela não soube me responder.

Também não imagino o que será de Armênia. Só sei que minha investigação sofrida pelo buraco da fechadura foi em vão. Foram trinta e cinco minutos jogados fora. Através da mãe de Armênia, foi fácil retirar as informações de que necessitava. Necessito mesmo? Não sei. A curiosidade é armadilha que nos move.

Tomara que nasça uma menina de cabelos ruivos. Porque quero ver Armênia feliz. Porque esta casa necessita de felicidade. Mas o que o pai de Armênia dirá quando souber? Ele saberá por quem? Vou ter que investigar em outros buracos de fechaduras? Quem sabe talvez eu tenha a coragem de perguntar a ele também tudo o que sabe.

Olho pelo buraco da fechadura.

Porque não me chamaram para a conversa. Não posso ver bem através de um buraco tão empoeirado, mas é o que tenho no momento, depois de tantas adversidades vividas por aqui.

Armênia chora e gesticula diante do pai.

Há seis semanas ela não conversa comigo.



DIFÍCIL
entender
melhor
assim
passei
a vida
em branco
e se alguém lhe perguntar
não faz
duas horas
que eu estive
aqui

andré luiz
Pinto

Visão

Olho pela janela deste apartamento
Vejo carros passando apressados
Sapatos andando em passos largos
Bebês que choram em busca do colo de suas amadas mães
Vejo o mundo

Mas ao mesmo tempo vejo o que quero
Vejo só o que está em minha frente
Logo, não vejo tudo
Logo, não vejo o mundo
Então, será mesmo que o que eu faço ao olhar pela janela
Pode ser mesmo considerado como ver?

matheus
Moura
Ferreira

feito flores na janela
entre o céu e o inferno
minha mente tem frequentado
os dois lados da mesma moeda
sem saber jamais
qual é
qual?

problema? nenhum!
os altares são similares
e tão vazios quanto os ídolos
que permanecem mortos
atrasando os pequenos seres
vivos?

no fim do dia
o sol se põe para todos
e as flores adormecem
estejam elas onde
estiverem.

martelando

**eduard
Traste**



Por linhagem



O que há de vindouro
Nas frestas do quando nasce,
Se não o mesmo trinado que
Camufla o principiar do tempo
Errante por linhagem?
Compondo tudo aquilo
Que surge do bradar sujo
Desse raias nossos de cada dia,
Novo, e tão somente novo,
Pela incompletude do arrotar das nuvens.
Errante por linhagem.
Que em pétalas de rio
Nos 'cafuneia'
À pão e poesia mal dormida.
Errante por linhagem.
Sendo as reticências mais reticentes
Quanto a própria redundância
Teima espernear
Em súplicas por linhagem,
Que mal passam de meras linhas...
Errantes,
Em tempo de tempos.

arthur
Martins

Chá de abeto

Caminhar na neve não é fácil. Dias curtos pedem passos acelerados. Mas, com os pés pesados, ninguém consegue. Os contornos da estrada já haviam desaparecido e a caminhada seria longa até chegar à casa do Sr. Minot. Que trabalho deveria ser feito para que ele chamasse o pobre homem caminhante com tanta urgência? Com passos cada vez mais lentos, ele respira ofegantemente. Bolas de fumaça sobem no ar. Apenas os abetos como testemunha. Ao dobrar uma pequena curva, uma pequena casa surge, com telhados brancos de gelo e uma janela entreaberta. Uma fumaça incessante saía pela chaminé cilíndrica e estreita. Há vida em um ambiente quente.

O homem acelera a caminhada e observa, ainda de longe, pela fresta da janela, que a casa é simples, contendo o necessário para se viver em um lugar como aquele. Apesar de que viver ali talvez seja apenas um ato passageiro, de nem uma estação completa. A cozinha tinha um fogão, que parecia ser muito eficiente, com um grande forno, que parecia não estar sendo usado no momento. Panelas penduradas, alguns utensílios espalhados, cadeiras arrastadas e farelos sobre a toalha xadrez na mesa, como se o ambiente estivesse habitado mas temporariamente vazio. Imaginou-se sentado em uma poltrona mais ao canto, coberta com pele de animal. Sentar, descansar, talvez conversar e talvez retomar fôlego até chegar ao destino, a casa do Sr. Minot. Não estava nem na metade do percurso ainda. Deu um salto ao notar que, pela fresta, passava uma mulher, de cabelos negros e face morena. Ela o notou. Ele disse bom dia e se dirigiu rumo à porta de entrada.

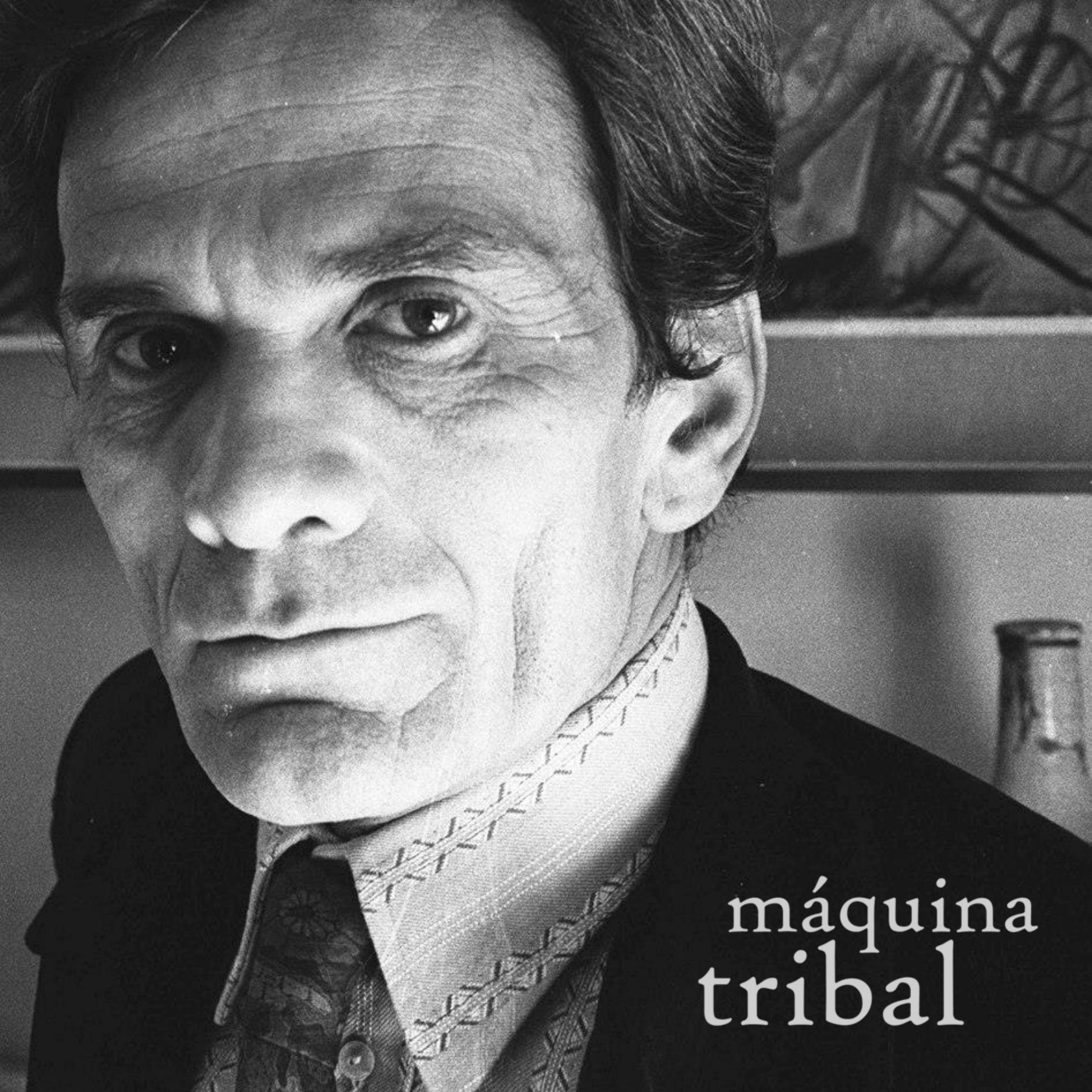
A mulher, assustada, cumprimentou o estranho. Querendo sentar na poltrona com pele de animal e descansar as pernas pesadas do fim da manhã, iniciou uma conversa que precisava ser amistosa. Perguntou onde morava o Sr. Minot. A mulher respondeu o que ele já sabia. E notou seu cansaço, marcado no olhar que parecia estar sem dormir bem há muitas noites. Outro homem surgiu na cena, parecendo ser o pai da mulher, com cabelos grisalhos e muitas rugas no rosto. De fato, não se importou muito em pensar no parentesco entre os dois. O que queria era sentar na poltrona coberta com pele de animal por uma hora, ou duas. Ele saudou o homem e perguntou o que ele queria. Desta vez, em vez de perguntar sobre o destino da casa do Sr. Minot, ele resolveu contar toda a sua história até ali, de viagem longa, cansaço e um trabalho urgente a fazer e que ainda não sabia qual era. O senhor de cabelos grisalhos pediu para que ele, então, se sentasse um pouco para descansar. Apressadamente, ele escolheu a poltrona coberta com pele de animal. Talvez fosse a favorita de alguém, mas nem pensou sobre isso.

^{munique} Duarte

Ofereceram-lhe chá de abeto, bem quente. Aceitou de pronto, mesmo tendo a opinião que o cheiro é melhor que o gosto, e que é perfeito para ser inalado e não tomado. Precisava de algo para se aquecer. O senhor e a filha lhe fizeram companhia, ouvindo algumas histórias. Depois de meia hora, o senhor se levantou e deixou a filha sozinha com o visitante, dizendo que ajeitaria a lenha no fogão da cozinha. O chá de abeto já havia terminado e o homem continuou segurando a xícara grande na mão por não saber onde deixá-la. Observou bem o rosto da mulher morena. Tinha traços fortes, bem marcados. Os cabelos negros eram lisos. Parecia ser uma mulher direta, apesar da voz mansa. Ele insinuou se levantar, mas ela pediu para que ele descansasse mais um pouco. Contou que não moravam ali, mas em uma cidade maior que ficava a dez quilômetros. A casa pequena era só para temporadas curtas durante o inverno, para que seu pai caçasse alguns animais para tirar a pele, que seria curtida, preparada e vendida para clientes antigos na cidade maior. Seriam apenas uns três meses morando ali. Não conheciam o Sr. Minot pessoalmente, e nem sabiam com o quê ele trabalhava. Já tinham ouvido falar que ele era um homem sério, de poucas palavras. O homem perguntou se ela era casada e se tinha filhos. A partir desse momento, algo estranho invadiu o ar.

Ela se levantou e fitou seriamente os olhos do forasteiro. Ele depositou a xícara grande no chão. Ainda sentia nas narinas o cheiro descongestionante do chá de abeto. A casa toda tinha cheiro dessa árvore. Sentiu-se estranho ao ficar de pé e notar que as pernas continuavam cansadas na mesma maneira. A mulher demorou a responder que não era casada e que não tinha filhos. Quanta demora e quanto suspense! Talvez houvesse uma história enorme por trás dessa resposta tão seca e simples. Vinda da mulher direta, com voz mansa. O homem de cabelo grisalho não voltou à sala. A mulher não pediu para que ele se sentasse novamente. Ele percebera que não estava descansado por completo. Ficou com vergonha de ter deixado a xícara pesada sobre o assoalho.

Meia hora depois, estava com os pés exaustos de enfrentar a estrada cheia de neve. Abetos o cercavam. Não conseguira nenhuma informação que valesse a pena sobre o Sr. Minot. Não sabia nem o nome dos moradores da cabana. Estava com fome, longe do destino e cansado. Que perda de tempo essa de enamorar-se de uma poltrona coberta com pele de animal.



máquina
tribal

- é no porão •
- q criamos os porcos •
- todos eles grandes ou miudos •
- todos devorando a lavagem •
- agra nos tachos e toneis •
- porcas gravidas q devoram •
- famintas filhotes frios •

- é no porão •
- q se junta amargo o esterco •
- é dali q escorre a lama podre •
- da casa pra rua pelas praças •
- das casas todas elas cheias •
- do esterco fluindo dos porões •
- como uma maquina sem razão •

- e sangramos os filhotes •
- antes do primeiro mes •
- quase todos pra vender •
- vender vender e vender •

- é no porão •
- q se faz esse nosso odor •
- o mesmo de todas as cidades •
- a maquina fede a esse porão •
- o som desse porão é o mesmo •
- da maquina porcos fudendo •
- porcos devorando porcos •

- é no porão •
- q fazemos o ganha carne •
- nada velamos tudo é exposto •
- todos sabem e fazem e fedem •
- fedemos como fedem pocilgas •
- fazemos vistas claras ao escuro •
- e as porcas devoram filhotes •

- é no porão •
- q fudemos escondidos •
- vendo as porcas devorarem •
- os filhotes frios os filhotes •
- estranhos negros e tronchos •
- os q não mamam os pobres •
- os q atrapalham os vivos •

- é no porão •
- q gozamos espiando porcos •
- fuderem gerando o q vira •
- batendo no esterco espalhando •
- travosa a lama pontilhada •
- pelo esperma gordo dos porcos •
- o esterco q se amontoa •

- e sangramos os filhotes •
- antes do segundo mes •
- quase todos pra vender •
- e vender vender vender •

- é no porão •
- q aprendemos as palavras •
- aprendemos a gritar rir e sofrer •
- sabemos q aqui é a maquina •
- maquina tribal desses corpos nus •
- porisso nos reunimos alegres •
- pra dançar sobre o esterco •

- é no porão •
- q dormimos comemos e tudo •
- com os porcos fudendo •
- com as porcas devorando •
- filhotes e assim no redemunho •
- se fudendo todos nos gozamos •
- admirando as porcas devorarem •

- é no porão •
- q ouvimos o vento aqui dentro •
 - ouvimos os gritos as dores •
- as mesmas quando sangramos •
 - um porco q não trepa mais •
 - porco velho inchado e cretino •
- pro nosso repasto aqui mesmo •

- é no porão •
- q acendemos fosforos pra ver •
- a maquina e o malestar apagar •
- mas so assim vemos as porcas •
- no agora devorarem os filhotes •
 - vemos os porcos fudendo •
 - so assim vemos a maquina •

- e sangramos os filhotes •
 - antes do terceiro mes •
 - quase todos pra vender •
 - vender e vender vender •

- é no porão •
- q dormimos sobre o esterco •
- q sonhamos com o esterco •
 - q desejamos ser porcas •
- q devoram frias os filhotes •
- quase gozando nos tocamos •
- enquanto mastigamos carne •

- é no porão •
- q nos esquecemos de tudo •
 - basta entrar algo voando •
 - ou com asas quebradas •
- assim batemos e mordemos •
 - isso ate não restar o q voa •
 - so escuridão e mormaço •

- é no porão •
 - q é duro tropeçar de cara •
- no esterco porq frios os porcos •
 - nos rodeiam pra nos devorar •
 - como se fossemos filhotes •
 - ou pra nos pisar e fuder •
 - como se fossemos porcas •

- é no porão •
 - q fazemos sempre a vida •
- explorando mentindo roubando •
 - buscando mais e mais carne •
 - sempre fudendo as porcas •
 - fudendo os porcos •
 - sempre nos fudendo e rindo •

- e sangramos os filhotes •
- antes do bom quarto mes •
 - quase todos pra vender •
 - vender vender e vender •

- é no porão •
 - q dizemos a verdade •
 - essa q é sempre mentira •
 - mas todos nos acreditamos •
 - ouvindo os porcos fuderem •
- as porcas devorarem filhotes •
 - as chamas se apagarem •

- é no porão •
 - a precisa e unica via •
 - fudendo porcos mortos •
 - porcas mortas e dançamos •
 - frios no escuro e comemos •
 - esterco gritando berrando •
- isso é a vida isso é q é viver •

- e sangramos os filhotes •
- antes do bom quinto mes •
 - quase todos pra vender •
 - e vender vender vender •

Flores..., Galhos secos! Fragmentada. Afiada, toca a pele flácida sem precisão. Sinto o rubor da juventude... Exposta! Decomponho-me em cicatrizes profundas. Ele não está aqui para ver meu lindo rosto: Desfigurado! Não sinto dor... Estou livre: Da angústia; do medo... Do amor. Jogada para fora do tempo. Cansada do peso de meu reflexo... Nula.

Meu fruto escolheu outro ventre... Não o culpo, Pedro sabe convencer. Por anos senti o peso de suas escolhas... Acreditei em promessas. Sempre soube meu lugar. Aprendi a fingir desde cedo, o amor dói menos na cegueira... Amo-o tanto que nada sobrou pra mim. Restam pele, rugas, dores... Vazio.

Inverno. Silêncio... Sem sorrisos em casa, ao som da mobília descanso. Pedro depositou minha mesada.... Mesada!? Provedor por excelência! Sem culpa. Se eu pudesse trabalhar... Nunca o fiz, jamais permitiu-me. Exclusivamente sua. Nua de mim mesma, cedi. Ele me deixou no frio, trancada no escuro com lembranças que não mais me soam felizes. Tempo... Cruel e certo! Levou Pedro aos braços juvenis. Jogou Maria na senilidade hostil.

Pela ultima vez senti os seu lábios. A porta bateu. Um beijo apressado, mãos que não sabiam me tocar... Era outro. Pedro chegou sem avisar, há meses não me visita. Ninguém me tirou do sol hoje. Era manhã, sentei na varanda para aproveitar o sol ainda aquecendo... Eu só quero um abraço.

Frutos... Não comestíveis! Nosso fruto se tornou um bom advogado. Pedro o quer ao seu lado, cuidando de seus negócios. Não consigo sorrir... Ele o levará consigo. Antes fruto amargo, vivia das sobras que o pai pouco esmigalhava... Sem cultivo, fechou-se nos livros... Pobre fruto! Fui o ventre que pude ser... Pedro me ocupava em demasiado... Sempre a sua espera... Pronta! Chegava sem avisar... Uma vida de expectativa!

Não me importo em tê-lo em partes... A outra, a Rosa de jardim, vive de excessos... O tempo é cruel para ela! Encapsulada em efemeridades. Pedro ama minha pele, meu rosto... Minha juventude. Tenho um fruto! Não vou deixá-lo levar esta semente... Por algumas vezes minhas sementes explodiram... Pedro não as deixava germinar... Bebi o chá com aroma de morte. Não quero filhos Maria! Dizia ele... A outra não conseguia germinar...

Meia-sombra. Uma casa confortável, um homem para amar... Pedro! Vendida, trocada, forçada a crescer... Mamãe jogava demais... Era noite, vesti meu melhor vestido, arrumei uma pequena mala... Mamãe ficou em silêncio. Levada por um homem que eu não conhecia... Ele dissera que eu era um presente para seu filho... Eu chorei. Nunca mais vi mamãe... Aos quatorze sou bem grande para a minha idade, os amigos de mamãe sempre me abraçam com força... Não gosto! Quero ser professora!... Mamãe diz que pessoas como nós não são professoras... Não entendo, apenas sonho.



Ubiricai

celso. Yokomiso

Escorado na pilastra do bar, Ubiraci era todo-amores com sua garrafa de cachaça. Acabara de ofender um colega, como de costume, por achar que duvidasse de sua valentia indígena. Bobagens a serem esquecidas no dia seguinte. Mas a manhã ainda não rompera e o sangue borbulhava alcóolico.

– Te mato, filho-da-puta. – ameaçou Ubiraci.

– Sai daqui, seu filho-de-uma-égua. – retrucou Jandir, da mesma tribo, espremida entre duas fazendas de soja, que avançavam os limites de suas terras.

Ubiraci apontou os dedos para os céus, abaixou a cabeça, feito guardasse verdades. Cambaleante, virou-se em direção da estrada de terra que cortava o pequeno bairro de casas de madeira. Os moradores em sua maioria trabalhavam nas plantações. Estavam acostumados ao contato com os índios, sobretudo os mais jovens, que não suportavam a vida nas tribos. Uma senhora espiava Ubiraci pela janela. Comentou com o marido, uma pena essas crianças.

– Um bando de vagabundos. Deixe de falar merda, Irani. – respondeu o homem, que lhe exigiu trouxesse a cerveja.

O caminho para a tribo seguia à esquerda, em torno de um quilômetro do bairro. Como a Lua ainda crescia, as sombras estavam espessas, sobretudo ao mergulhar nas beiras da floresta. Mas Ubiraci não precisava de luzes. Conhecia os atalhos, os pequenos animais que se escondiam entre raízes e alguns segredos da mata. Encontrou um pé de umari, que desmantelava qualquer zonzeira. Seus pequenos frutos rodeavam a árvore de ampla copa. Mastigou um punhado deles, embora fossem melhores cozidos, indiferente ao amargo que limpava suas entranhas.

As estrelas daquele norte abafado eram purpurinas. Ubiraci não podia distingui-las com os nomes brancos, mas se recordou de uma lenda sobre amor e criação. Deixou o álcool reinar sobre todo seu corpo, inebriado também pela vastidão do céu. Não percebeu o farfalhar vindo do matagal, passos nervosos indiferentes à cantoria dos grilos.

– Olha o índio ali deitado. – esbravejou um caboclo, munido de um rifle carcomido.

Os outros dois homens correram para agarrar Ubiraci, estirado sobre folhagens. Um chute na costela acordou o índio.

– Você quer essa terra, vai ficar de baixo dela.

Ubiraci, tomado pela asfixia, trouxe seus joelhos para perto do peito. As mãos tentavam proteger a cabeça, atingida por uma botinada. Os agressores ergueram o índio. Empurraram-no. Exigiram que andasse à frente, o rifle cutucando suas costas. Seguiram cinco minutos pela trilha e mais cinco por entre a mata fechada, até uma pequena clareira.

– Ajoelha, índio!

Ubiraci obedeceu à ordem sem temor algum, como se cumprisse um destino. Não se arrependia pelas brigas com os jagunços nos limites das fazendas. Aquelas eram terras dele. Jamais perderiam o confronto, pois estavam lá desde a origem dos tempos.

O homem com o rifle engatilhou sua arma. Apontou-a para Ubiraci. O som do tiro estalou ruidosamente pelas copas das árvores. A bala voou em rodopios em direção ao índio.

– Menos um.

Ubiraci olhava a vastidão da floresta. Uma estrela descida dos céus servia-lhe como lanterna. Alguns insetos e bichos retornavam às tocas, equivocados com o falso amanhecer. Passou por riachos e montanhas, orquídeas e sementes. Havia terras para todos. Gente, plantas e animais.

Dissimuladas dores
não identificadas pelo sentimento.
Da inércia do que me causa
surgiu a apatia destes olhos.

Nada reconhecem.

Ontem,
meu corpo viveu por um momento.

Questionado,
Afirmou que eu estive lá...
não me lembro.

Inofensivo
dócil,
inoperável.

Despojado do que mantêm o amanhã
compatível com o eu de agora,
desanuviado das flores
do meu próprio funeral.
Se ontem,
propus o descaso,
agora legitimo meus acasos.

Supus meu desengano
quando ainda vigoravam
meus acertos.

A carcaça e as impressões alheias
são agora o mais próximo
do que me resta.

rhary
Oliveira
Inveterado

Cassandra

No meio das ferragens, Teodoro enxergara uma luminosidade que atravessava o para-brisa espatifado de seu carro. Não pode estranhar que a luz mantivesse um percurso correto, apesar do vidro completamente trincado. Naquele momento, talvez sequer soubesse onde estava, e nem os ossos quebrados lhe indicavam algo. Melhor assim.

Tudo estava quente. O sangue escorria pela testa, pequena cascata vermelha que se represava por um instante em seus cílios, para depois inundar os olhos. Percebeu ao lado, a presença de uma mulher, os cabelos lisos emaranhados ao console, as unhas pintadas de cor-de-rosa. Não sabia que era sua esposa e, menos ainda, que não mais a veria. Em seu atordoamento, nenhum pingo de tristeza. Pelo contrário, uma tranquilidade invadia o corpo arrebatado.

A luz que entrava pelo para-brisa atingia seu peito, espectro magnífico de cores. Convidava-o para se libertar, numa comunicação que a tudo o fazia entender. Como não existiam dúvidas, deixou-se levar. Da mesma forma como pegava ondas, durante os verões na praia. Ao longe, um barulho de sirene.

– Não vamos perdê-lo. – ainda ouviu Teodoro.

– Um, dois, três!

Sentiu um tranco que o trouxe para o corpo, um lugar bastante incômodo e apertado. Procurou espaço, sacudindo-se como pode, mas a tibia arrebatada freou seus músculos. O calor crescia, sobretudo, perto de suas costelas, descendo para a barriga. Queria retornar para casa, que o deixassem, já aguardavam a chegada.

– Hemorragia, rápido!

A pequena Cassandra, no banco de trás do carro, caçava bichos virtuais em seu smartphone. A mãe cantarolava um sucesso antigo que tocava na rádio, enquanto o pai se incomodava com a embreagem gasta, o conserto sairia o olho da cara.

– Acho que tem acidente na frente. – disse o pai, ao perceber que os carros reduziam a velocidade.

A mãe, empolgada com o refrão, ouviu o comentário do marido, mas preferiu não perder o fôlego naquele momento. Acompanhou perfeitamente o cantor no rádio e, somente após a frase musical, retornou ao esposo.

– Já tem uma ambulância. Parece que foi feio.

– Cassandra, não olha para o acidente. – recomendou o pai à sua filha.

A mãe comenta sobre o mau hábito das pessoas em querer ver desastres, esticando o pescoço quase para fora da janela, a fim de obter alguma informação. Com a redução da velocidade, o pai se incomoda ainda mais com a pesada embreagem. Solta um palavrão entre os dentes, que Cassandra ouve com bastante atenção, aprimorando seu pequeno vocabulário infantil.

Quando o carro estava a poucos metros de distância do acidente, a filha larga seu jogo, a cabeça toda virada para a janela, à maneira de sua mãe.

– Olha, tem uma luz saindo do carro.

A mãe diminui o volume do rádio, como se os sons atrapalhassem aquilo que se via, e procura o que a filha anunciara.

– Onde, Cá?

– Ali, perto da frente do carro.

Cassandra, agora, se deslumbrava com a luminosidade que saía pelo para-brisa do veículo. Não imaginava como as luzes podiam ser bonitas. Cores diversas, brilhantes e afáveis, que se misturavam bastante serenas, formando tonalidades inusitadas.

– Mãe, tem um arco-íris saindo do carro.

O socorrista cobriu o corpo de Teodoro com uma manta refletora. Preservava os motoristas do espetáculo da morte, assim como a dignidade do falecido. A adrenalina se refreava, não havia mais o que fazer. Logo, o Corpo de Bombeiros serraria as ferragens contorcidas.

Seria imprudência dizer que Teodoro estava bem, junto de sua mulher, em algum lugar esplendoroso. O que se via, eram dois corpos jovens, esmagados pela fatalidade.

Os pais de Cassandra, ao perceberem a tragédia, quase gritaram para que a menina olhasse para o outro lado. A pequena, no entanto, absorvida pelas luzes, sequer ouviu as ordens. O carro passou lentamente à frente do acidente, onde o silêncio parecia sufocar os ruídos da Marginal.

Cassandra acenou para as luzes, e era como se bebesse seu chocolate morno, enrolada nas cobertas.

Meu caro,

Forasteiro

Entre rugas e mentiras, os homens daqui criaram artifícios para não dizer, ou dizer ao meio. E de tal forma são hábeis nas artimanhas, que tudo o que se fala nestas terras parecem palavras peneiradas. Há de se fisgar uma palavra aqui ou ali e interpela-la em outras sentenças proferidas sabe-se quando. Um exercício de memória fatigante, que tem me trazido enormes dores de cabeça, eu que nunca as tive entre minha saudosa gente.

A verdade é que jamais sabemos do que realmente se trata, pelo menos nós, os forasteiros. Como não aprendemos a guardar palavras ou viver silêncios, fica sempre a impressão da desvantagem, de terem rainha a mais, rondando invisível sobre o tabuleiro. Algo como jogarmos cartas e estarem nossos valetes sempre expostos entre os dedos. Acredito seja o idioma deles mais exíguo, o que os obriga compensarem o vocabulário estreito com estas troças de silêncio. Procurarei certificar-me desta hipótese.

Meu amigo, o trabalho que fazemos é, sobretudo, o que se fala para as crianças não serem quando crescidas. Não são tarefas assim robustas, que demandem além do que um corpo sadio possa aguentar. Existem muitos direitos por aqui. Assim, trabalhamos exatamente entre o limite do viável, nas fronteiras da doença. Como são atentos, nunca se ultrapassam estas linhas, de maneira não se justificarem quaisquer queixas que profiramos.

Mas o que me incomoda mesmo é a presunção de estarmos sempre prestes a fazer besteiras, a falarmos por demais. Há que se manter atenção para não nos sentirmos estúpidos. Além disso, eles são mais altos e fortes, possuem dentes cândidos e gestos mínimos. Quase nos tornam feios ao espelho, tenho vergonha de confessar, mas talvez seja porque nos vejam assim, mesmo que nunca se admita.

Apesar de tudo, meu caro, vínhamos tocando a vida. Na toada que bem sabemos. Agora, estamos bastante amedrontados. Nos últimos meses, um pequeno grupo deles se avoluma, e tem feito estardalhaço contra nossa presença. Alguns bastardos lançaram pedras em nossas casas. Uma delas estilhaçou os vidros da janela de meu compadre. Os cacos abriram uma fenda na testa de seu filho, que brincava com as almofadas da sala. Ouvia-se até a esquina os gritos apavorados da esposa, para que voltassem todos à nossa terra, aquilo era apenas o começo. Felizmente, a criança continua a pular nos sofás, e cada vez mais alto.

Não andamos também mais sozinhos pelos limites do bairro. Se antes nos olhavam de soslaio, alguns já proferem xingamentos por entre os dentes trincados. Cospem ao chão quando passamos ou atravessam a rua se estamos em mesma calçada. Ontem, um de nossos jovens parece ter sido agredido com tijolos, mas isso me cheira a boatarias. De qualquer forma, acredito que o melhor seja, por enquanto, nos mantermos afastados deles.

Por isso, tenho retornado rápido para a casa, depois de minha jornada nas linhas de produção. O ônibus que tomo é praticamente preenchido pela nossa gente. A tal ponto que será realizada uma separação entre os transportes para forasteiros e nativos. Isso me parece completamente descabido. Já passamos por situações semelhantes em outras terras, como nos falaram os anciãos, e sabemos para quais caminhos conduzem essas novelas.

Mas talvez você queira saber das boas novas. Amanhã, pela primeira vez, sairemos pelas ruas carregando a imagem de nossa querida protetora. Todas as almas precisam de alento, e ela tem nos concedido tanto. As pétalas de rosas já descansam em vasos longos para forrarmos as ruas centrais da cidade. Os incensos de sândalo estão prontos para inundarem a atmosfera. Nossa pele aguarda a unção dos óleos de mirra. Os vestidos das mulheres, alvos como nuvens, e nossas túnicas secam agora neste raro intervalo de sol. Ficaremos ainda mais bonitos com o colorido das roupas, os colares de miçangas pendendo enormes nos pescoços.

Os bastardos rabiscaram nos muros que não tolerarão nossa alegria. Prometem violência. Mas estamos bem munidos com armamentos. Você sabe bem do que estou falando. Somos muito mais felizes, pois o sol sempre nos esquentou as bundas, como dizem por aí. Se nos sobra apenas um, tanto mais rápido seremos o dobro. Se nos matam, matam a eles, de dentro para fora.

Ainda não entendem que não se vence a alegria. Não se vence nossa esperança. Nossas crianças já nascem nestas terras, saberão de todas as palavras deles. Elas compreenderão seus silêncios, mas ensinarão outros vocábulos para os mestiços que nascerem dos futuros casais entre eles e nossa gente.

Nunca conhecemos fronteiras que nos barrem. Temos feito assim há milênios. Perdemos cores ou traços que nos distingam. Não tardará estarão conosco. Sempre estiveram, embora não saibam. Afinal, somos a humanidade.

celso.
Yokomiso

Permaneça com amor,
Seu irmão

Mesas de bares em minha garganta,
cinzeiro whisky e fadiga
na cadeira próxima.

O arranhar afiado de minha laringe,
limita a expressão melodramática pós quinta
dose.

Rouco e torto,
desperdiço ideias nunca lembradas.

Alheio e bobo,
anseio o estender da noite.

Minha blusa amassada
guarda o cheiro dos abraços,
impregnado de cigarro barato
e perfume do cardume de pessoas que
incessantemente
partem em sua busca.

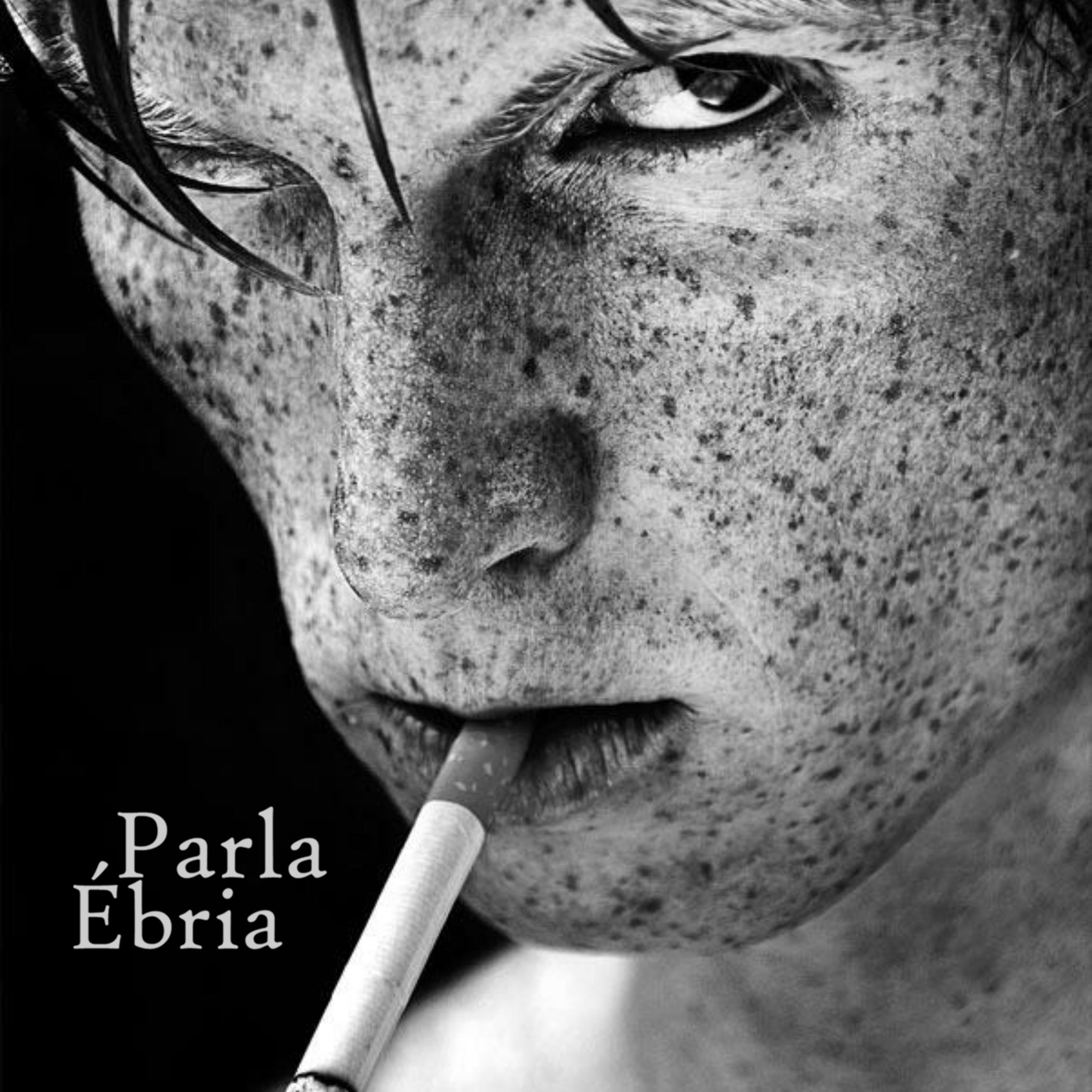
As consequências e desenganos
que moldam o eu de agora,
talvez por um acaso não fossem.

Ah, se por ocasião do desatino,
em desagravo redimensionasse
a valia de algumas outras coisas.

Quem me dera meu deus o distrato:
com o que recrimino
mas em mim finjo não enxergar,
com o que piegas idealizo,
sabendo não querer concretizar.

Bares vazios em minha laringe,
copos grudentos, petiscos esquecidos.

Sob o alface, cheios de memória, os cinzeiros
coletam o dna
beijando as bocas dos fragmentos de cigarros.



Parla
Ébria

Suicídio

Está errado
a casa vazia,
As malas prontas
A cadeira preparada
E o nó já frouxo
O pelo na boca
A comida estragada
O fardo do dia
O tormento da perda
E a covardia.

Está tudo errado:
O sapato sem meia
O tombo na mesa
o sangue coagulado
e o esquecimento,
além de errado, está turvo
a cegueira do desespero
a decisão tomada
o rádio ligado
o gato miando faminto
a solidão forçada
e a corda no pescoço
enquanto o desgosto assola a sala.



Diagnóstico

Anastácio da silva, 27 anos,
socialmente diagnosticado com o sujeito que
“enlouqueceu de tanto estudar”.

Definido pelo conceito de outros,
estes mesmos, das amarras, das não contradições,
da reflexão prostrada sobre irrelevâncias.

Virou propaganda de seu próprio infortúnio.

A mãe cautelosa,
mandava o menino sair do quarto e largar o livro.

O pai, preocupado,
Levava-o ao futebol.

Por muito tempo,
a superficialidade das figuras expostas,
o anteparo da loucura dita pelos infernos de outrem,
delimitam a sua compreensão da existência,
foram um molde fundido à mais crua das carnes.

Agora, aceita e veste o estereótipo
que há muito lhe foi ofertado,
e, uma vez convencido da sua incomunicabilidade,
percebeu como essa realidade
a que está submetido não lhe satisfaz,
o quão desnecessário é a conservação do sofrimento,
que se mantém pela promessa imprópria de
salvar-nos de todo o mal.

Anastácio, 27, morreu-se,
entre seus últimos devaneios,
a certeza convicta de que pagou o preço
por se atrever a pensar.

encontramos uma trilha em ruínas
antiga estrada desaparecendo
degraus feitos na pedra
gastos rachados esquecidos

devemos seguir pro leste
buscando planícies verdes
onde lamber nossas feridas
onde chorar nossos mortos

encontramos uma trilha em ruínas
pode nos levar pra lugares distantes
da destruição do medo da morte
da escuridão q nos rodeia

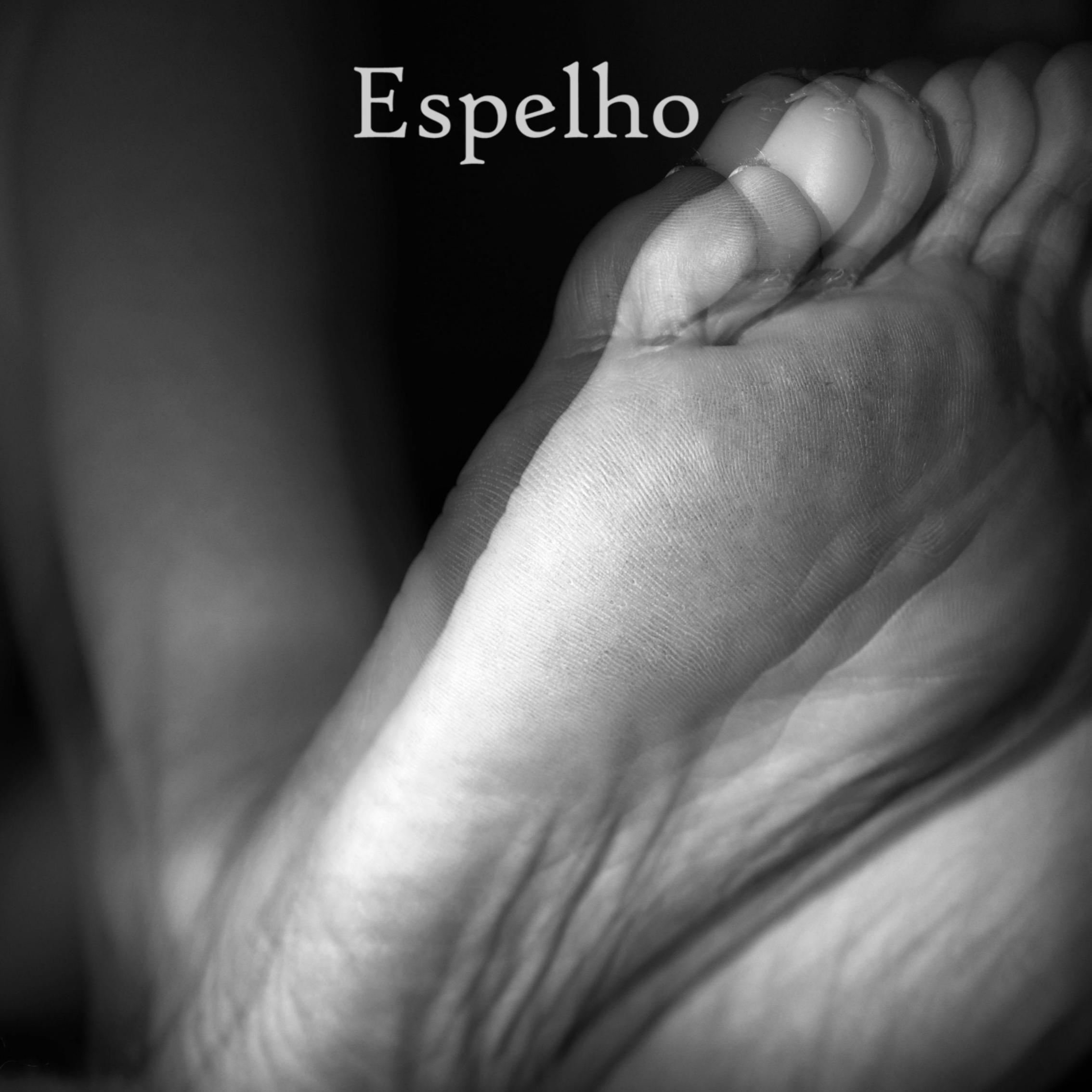
devemos seguir pro leste
nas costas carregamos nossos mortos
nossos pais nossos filhos nossos irmãos
nossos sonhos nossas cidades nossas vidas

perdidos num mundo em ruínas
devemos seguir pro leste
buscando praias de areias brancas
onde lamber nossas feridas

onde esquecer nosso medo
da destruição do fogo da morte
onde esquecer nosso medo
da escuridão q nos rodeia

encontramos uma trilha em ruínas
antiga estrada prum mundo
q há muito foi esquecido
q há muito desapareceu

Espelho



carla Andressa

Naquela cama restavam dois corpos. Ao lado da porta, os olhando sedenta, eu soube que só encostaria meus lábios em um deles. Teu calor manchava tua pele e queimava a ponta dos meus dedos. Tuas lágrimas eram doces e tua dor tinha cheiro de cravo. No reflexo dos teus olhos eu me vi; era como se você me conhecesse há tanto tempo... como se teu choro gritasse meu nome. Leve como pena, teu corpo não coube em meus braços. Teu lamento amargou minha boca, e eu não pude sessar teu dengo. Tua poesia rondava meus ouvidos e tua reza me fez ir de joelhos ao chão. Segurei tua mão e te puxei com força, mas você não se moveu. Agarrei tuas pernas e aos prantos uivei minha angústia... os fios do teu cabelo viraram pó entrelaçado nos meus dedos. O outro corpo pôs os braços sobre teu peito e no canto do quarto eu desabei. Você me ofereceu um sorriso de lado e eu brindei teu fracasso com as lágrimas que escaparam dos teus olhos. Sem cerimônia, abri a porta e te deixei ali... o rosto pouco iluminado pela vela acesa ao teu lado e as correntes feitas das palavras cuspidas pela tua boca prendendo-lhe os pés.

Banheiro

Um banheiro fétido
Um assento sujo de urina
Um espelho rachado ao meio
Meu reflexo rachado ao meio
E só então eu percebi
Eu é que estava quebrado
Eu que estava rachado ao meio
Mas o pior de tudo é que não vi
diferença
Entre mim e o banheiro...

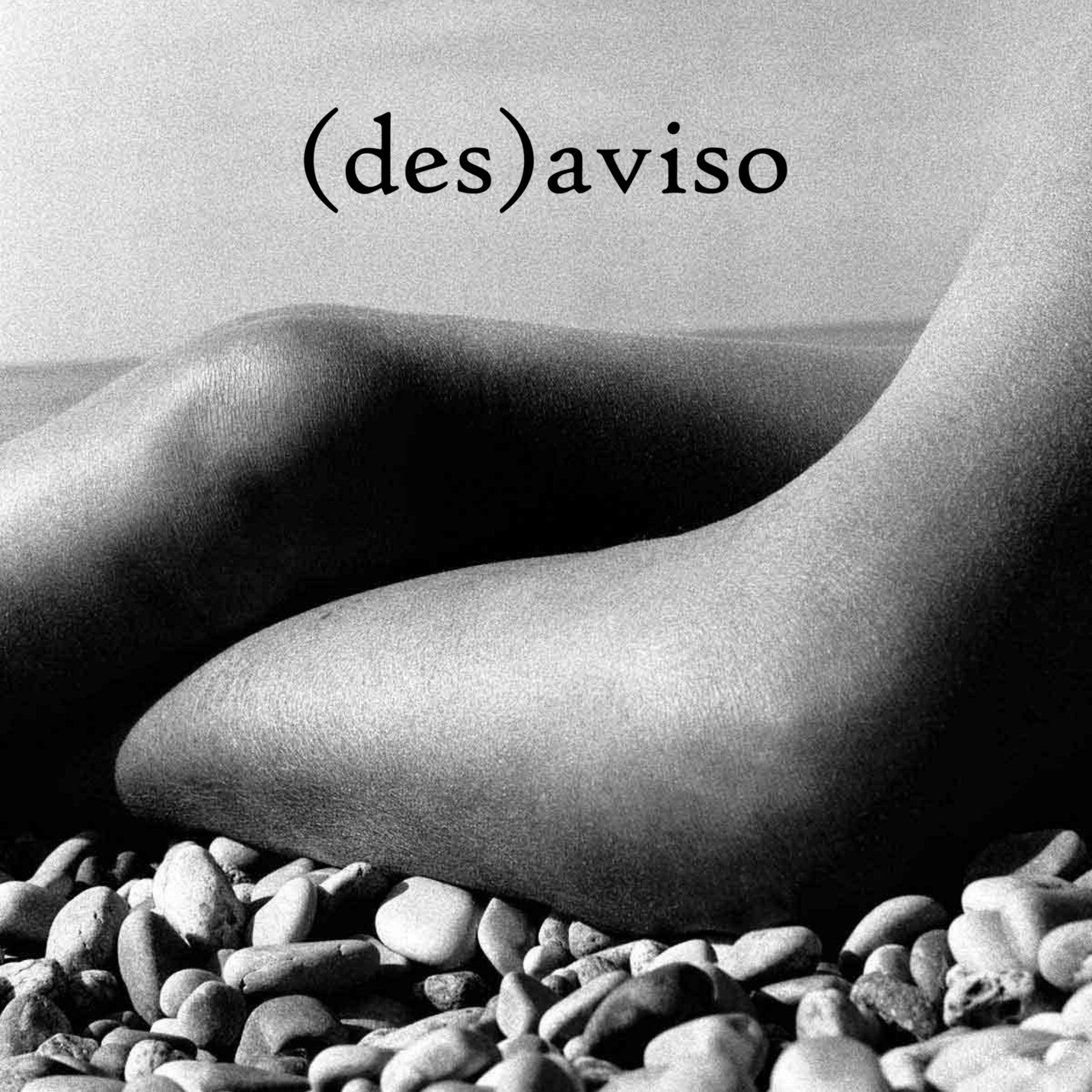
matheus
Moura
Ferreira

Fé Zés, fé!
devaneia um
megafone "berrento"
em mãos roucas de tantos calos
diante da putrefação nossa de cada dia,
e não calo minha fé frente a virtude
dos impuros
"Meduzentos" em ser a necessidades básicas de nossas Sextas.
prefiro aquele som que
rumina em meus ideais
por vezes não leais
aos tais sonhos impostos pelos não raros.
manifesto-me-em-mim-mesmo!
e perco-me em meus desassossegos
coletivos de tantos Zés,
ninguém de quem alguém um dia lembre-se bem.
sarnentos e sedentos de ida
que numa dessas vindas
para o íntimo seu particular
encontrou os rabiscos
em cinzas
do que um dia
tivera sido
o inverso cantar de sereia:
Fé Zés, Fé!

Fé
Zés

arthur
Martins

(des)aviso

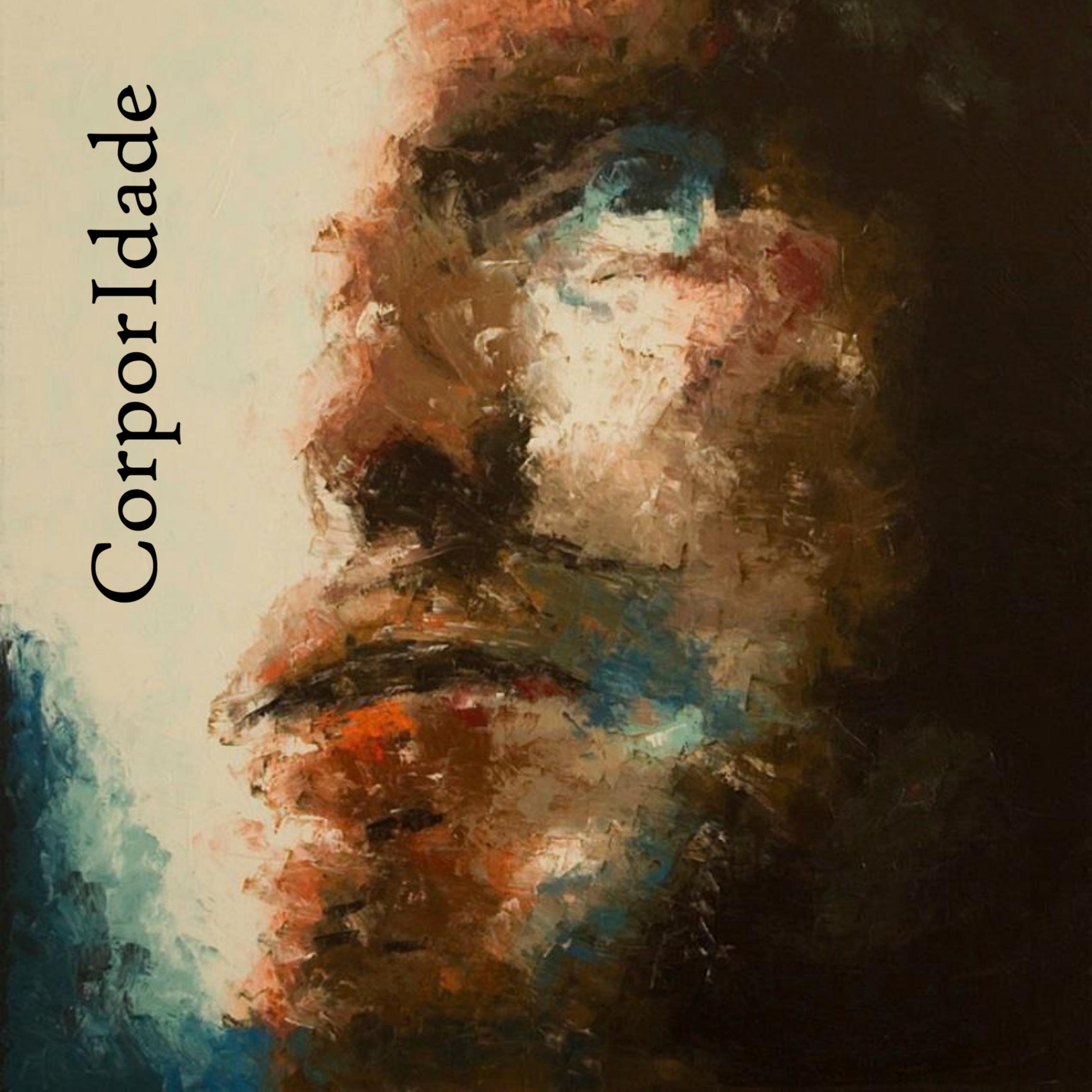


Sangra sal
a boca
do verso
e
nas entrelinhas
verbo carvão
desenha a fuga.
No corpo
da letra
uma despedida águia
risca a sílaba
que
dança
no céu da
língua.
Em mim
Violência subterrânea
acomoda
o silêncio,
- uma armadilha:
Gota
Escama

Encharcada
de
vírgulas.(des)revelar
Arquear o verbo
para caber
o corpo
e nas curvas
ajeitar a dureza
dos riscos.
Amaciar nos olhos
a pobreza
das sílabas
e com as unhas
acariciar o coro do verso.
Embebedar
dos lapsos
onde nascem
as marés de mim
e
converter o silêncio
em gemido desregrado
na superfície

mell
Renault

Corpor Idade



Esses que me carregam
Não sinto pena, nem agradeço
Penso que estou no fim
Não findo-me

Como dívida, cobro os meus
Meus cuidados, meu tempo
Desfaço-me, corpo frágil...
Visão que fere!?

Dor incessante insiste parar
Contínuo, sinto necessidade
Como pedra, custo, moldo-me
Faço-me visível!

Impossível jogar... Não me notam
Passam-me a vez...
Tolice humana!
Quando mais quero, indicam-me parar...

Rotina queima!
Hoje procuro voar
Deslizar, pousar, flutuar...
Se me pesa o corpo, desliza-me alma

Já sem voz, observo
Silêncio é ponto, referência...
Morte!?
Nem realidade, nem calamidade!

As ruas limitam calçadas...
As plumas cercam o corpo...
As areias rodeiam o mar...
As primaveras cercam as flores...

Flores Secas! Flores Secas!
Demoram a cair, sugam
Tiram dos galhos, das folhas...
Mas transmitem certeza... Vida Nova!

O Espelho, Negação
Suicídio, Tentação
Saudade, Depressão
Crio asas, Furacão!

Malditas palavras
Infelizes profecias
Maça tão dadivosa
Tanto cria, tanto deforma...

wagner
Perrotta

*O PEDIDO DE IMIGRAÇÃO
não confirmado
que caiu
na imprensa*
foi uma surpresa geral
que o visto
de médica
sem fronteiras
não fosse aceito
só não foi
surpresa
pra ela
que além de médica
era iraquiana
atravessou
o deserto
o mediterrâneo
e mais oito países em branco

andré luiz
Pinto

Olhos de Jabuticaba

eliaquim
timóteo
da Cunha

São dias de muitas emoções. São muitos os calafrios. Principalmente depois que Mainha entregou, para mim, a responsabilidade de ler e “aprender alguma coisa” com suas cartas. Lendo uma das cartas, escrita por Mário Alberto, imagino que ao declarar sua paixão para Mainha, Ele estava disposto aos espantos que esse estado de espírito exige de nós:

“Porquê digo que você é namorável?”

“Primeiro é preciso observar que esses são elementos que me chamam atenção e que me seduzem. É uma leitura de como vejo você, então você pode concordar com alguns pontos e com outros pontos discordar do que digo, pois você tem uma visão de si e eu estou apresentando uma visão externa.

“Segundo. O que é namorável? As respostas podem seguir muitas direções! Imagino que quando se diga namorável, seja indicação de que contém elementos para namorar. Isso quer dizer que desperta o desejo de dividir momentos com você. Momentos que não serão divididos com outras pessoas. Não serão divididos na mesma proporção, intimidade e intensidade.

“É oferecer certa exclusividade para poder contar logo para você aquelas raivas, alegrias e derivados. Contar que levou um tombo e ninguém viu. Ao mesmo tempo que se oferece isso também se pede para ser a primeira pessoa a ser lembrada.

“Outra observação necessária é que iniciamos uma amizade. E aí iniciamos a nos conhecer, falando sobre nossas visões de como aqueles ao nosso redor agem.

“Então, nesse movimento de falar sobre os outros, mostramos quem somos um pouco. Essas conversas eram tentando entender como podemos agir, não eram no sentido de julgamento ou inveja. Aparentemente não temos isso. O teor destes comentários também tinha zombaria das doidices dos sem noção.

“Com isso surgiu certa cumplicidade e aproximação.

“Uma pergunta que você me fez e lembro com certa frequência, foi: ‘o que você vê em mim’?”

“Eu respondi que há admiração. Nesse teu ímpeto de ser independente, no desejoem fazer o que tem que ser feito da melhor forma...

“Essa história aí traz elementos do namorável.

“Há também a fase da conquista e todos os receios e cuidados que cada um teve, e que ainda tem. E as perguntas ‘deve ser só coisas da minha cabeça?!’.

“Mas a maneira como aconteceu não foi afoita. Foi intensa, mas levou um tempo para acontecer. A intensidade fez fazer questionamentos do que é certo, do que quer fazer... Essa balança está presente o tempo todo.

“Agora, tenho que dizer: decifrar você é uma aventura. É interessante entender a mente dentro dessa cabeça dura e teimosa. Você se esconde. Não gosta de gostar. Eu entendi um pouco disso antes de você me dizer. Mandou eu parar de acertar essas e outras características suas. Disse que já estava p da vida comigo, mas não estava. Sei que não. Isso só aguçou mais esse espírito aventureiro.

“Então você apresenta um coração de pedra. Mas não é de pedra mesmo. É um tipo de maquiagem usada para esconder um coração que foi magoado e não quer mais sentir isso.

“É também uma maquiagem de quem tem lua em gêmeos. ‘Um pouco mais de razão para o mundo, por favor’. É uma prece que você faz vez ou outra.

“Quando deitados um olhando para o outro, pergunto o que você está pensando e não fala a real, então inventa algo nada a ver... E a gente rir. E ainda sim, não diz o que está pensando.

“Então, o assunto sexo foi ficando cada vez mais aguçado na imaginação. Tal aguzação levou a consumação. E pense numa consumação!...

“Nos tópicos: comidas, músicas e cinema ora nos aproximamos, ora nos distanciamos. Engraçado é que esses distanciamos são assuntos que rendem horas de conversas. Depois ficamos com essa pauta: como conseguimos conversar por tanto tempo?

“Então, acho que é por aí que posso começar a responder. Aqui tem só um rascunho...

“Para concluir tenho que olhar nos teus olhos”.

Nudez

Peito em rosa e palidez
Onde cabe tua boca perfeita
Onde inundas tua língua
O farol está distante
Sou um caminho longo
Mas não inalcançável
Afinal todo mistério requer certa maestria
Com um simples toque
meu sexo arde
E a porta do céu ainda requer redenção de joelhos
Tomas meu peito em verdade
Tal nudez física e espiritual
quando dada por inteiro,
Bate minha porta com vontade
Do contrário me retraio e parto,
Por hora não penso
Enquanto me cravas os dentes
Fico alta da cabeça ao gozo.

bárbara
Bento

geovanne
otavio
ursulino

não falamos das pequenas
coisas q ficaram
olhando adiante encontraremos
planícies verdes pra viver

tudo acompanha
a mudança q nem conhecemos
não falamos das pequenas
cidades q ficaram

consumidas pelo fogo
consumidas pelo medo
consumidas pela morte
esmagadas como insetos

não falamos dos pequenos
mortos q ficaram
devorados pelo oeste
q nos invadiu com suas bestas

olhando adiante encontraremos
planícies verdes pra viver
com pequenos rios cheios de peixes
com pequenos bosques cheios de caça

planícies verdes

não falamos das pequenas
vidas q deixamos
dos deuses da música
da língua dos sonhos

consumidos pelo fogo
consumidos pelo medo
consumidos pela morte
esmagados como insetos

tudo acompanha
a mudança q nem conhecemos
mesmo quando o q conhecemos
foi devorado pelo oeste

q nos invadiu com suas bestas
babando berrando pisando em tudo
com seus pés incrivelmente grandes
não falamos dos pequenos

mundos q ficaram
consumidos devorados esmagados
olhando adiante encontraremos
planícies verdes pra viver

alexandre Guarnieri

(carioca de 1974) é poeta e historiador da arte. Integra o corpo editorial da revista eletrônica Mallarmargens. Casa das Máquinas (Editora da Palavra, 2011) é seu livro de estreia e está disponível online (ISSUU). Seu segundo livro é Corpo de Festim, com o qual ganhou o 57o Prêmio Jabuti em 2015. Em 2016, publicou pela Patuá a antologia Escriptonita (poemas tematizando super-heróis), do qual foi um dos organizadores. Seu terceiro livro, Gravidade Zero (Penalux, 2016), constrói uma possível biografia poética do Major Tom, astronauta de Bowie.

alberto lins caldas

publicou os livros de contos "Babel" (Revan, Rio de Janeiro, 2001), "Gorgonas" (CEP, Recife, 2008); os romances "Senhor Krauze" (Revan, Rio de Janeiro, 2009), "Veneza" (Penalux, Guaratinguetá, 2017) e os livros de poemas "No Interior da Serpente" (Pindorama, Recife, 1987), "Minos" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2011), "De Corpo Presente" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2013), "4x3 - Trílogo in Traduções" (Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2014) com Tavinho Paes e João José de Melo Franco), "A Perversa Migração das Baleias Azuis" (Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2015) e "A Pequena Metafísica dos Babuínos de Gibraltar" (Ibis Libres, Rio de Janeiro, 2017). Blog: www.poemasalbertolinscaldas.blogspot.com

Pat Lau

que já foi um dia Patricia Laura Figueiredo, depois Patricia Laura até chegar nesta vontade de essência feito o que fica de um poema. Se "Créer c'est se créer" como nos diz Rilke começou criando e eliminando os excessos do seu nome (explicação dada para não acharem que Pat Lau é um pato vietnamita ou uma alma tibetana desencarnada). É poeta com três livros publicados: poemas sem nome (Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011), no ritmo das agulhas (São Paulo: Patuá, 2015) e poemas bebês (São Paulo: Dash, 2016). E vigia e cuidadora de infâncias.

geovanne otavio ursulino

escreve no blog Amorfo Poema:
www.amorfopoema.tk
e-mail: g.o.ursulino@gmail.com

bárbara Bento

nascida em 1993, Maceió-AL, reside no município de União dos Palmares, mesmo estado. Bacharela em Serviço Social, pela Universidade Federal de Alagoas, adora escrever no seu blog "A doce intuição de Vênus" e troca facilmente chocolate por livro.

gabriele Rosa

estudante do curso de História pela UFRRJ, grafiteira carioca e pesquisadora do Graffiti como Heterotopia múltipla.

eliaquim timóteo da Cunha

Rabisca rascunhos sob reticências nômades. É antropólogo e vive pelo lavrado de Macunaíma e Insikiran, Roraima. Publicou alguns rascunhos na revista Alagunas.

gerald Lima

é escritor, dramaturgo e roteirista. Tem algumas obras publicadas, entre elas, *Baque* (conto, LGE Editora), *UM* (romance, LGE Editora) e *Tesselário* (minicontos, Selo 3x4, Editora Multifoco). Participou de algumas antologias literárias, como: *Antologia do conto brasiliense* (org, por Ronaldo Cagiano, Projecto Editorial, 2004), *Todos os portais: realidades expandidas* (antologia de contos de ficção científica org. por Nelson de Oliveira, Terracota, 2012), e *Veredas: panorama do conto contemporâneo brasileiro* (org. por Anderson Fonseca e Mariel Reis, Oito e Meio Editora, 2013). Tem textos publicados em jornais, blogs, revistas impressas e revistas eletrônicas. É autor do roteiro do longa *O colar de Coralina* – direção de Reginaldo Gontijo – e da peça de teatro *Trinta gatos e um cão envenenado*, encenada em 2016 em Brasília. Seu livro de contos *Uma mulher à beira do caminho* sairá este ano pela Patuá Editora. E-mail: gera.lima@brturbo.com.br

gustavo Granja

Curioso das crateras do mundo, fuço no que me faço da arte quase-experimental. Prefiro narradores mortos e heterônimos - os mais sinceros em todo esse simulacro. Parece que falar de poema é fazê-lo no uso da palavra nossa de cada dia. Escrevo quando penso que serei devorado e a missão é virar o jogo: (des)engolir. Ao fim, não importa quem sou - nesse caos abandonado, a poesia prevalece... Rezo por sugestões de leituras, nem que sirvam apenas como desculpa para desanuviar. E-mail: gustavo.borgesgranja@gmail.com

marcella Gois

Alagoana, estudante de Serviço Social e inconformada desde 1996. Publica seus textos no blog: <https://inconformadamarcella.blogspot.com.br/> e no facebook: <https://www.facebook.com/marcellainconformada/>. Email: marcellagsm@hotmail.com

wagner Perrotta

Aluno do curso de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Escreve para confessar, mas não confessa para agradar. De pouca fala, mas olhos atentos. Ainda acredita que a Educação do Brasil respira. Contato: wagnerperrotta@hotmail.com

luana Dias

Luana Cristina Ferreira Dias, 21 anos, mineira com o coração rondoniense, poetisa e estudante de Direito. Luana é mãe do livro *Metamorvida* (2016) publicado pela Editora Chiado, com sede em Lisboa - Portugal. Apaixonada pela poesia, começou a escrever aos 18 anos e, desde então : "escrevo para esvaziar o nada que o mundo me enche". Email para contato: luapoetisa18@gmail.com

lucas Litrento

de Maceió, tem vinte anos. Leitor de Borges, Clarice e Lygia, prepara um volume de contos improváveis, já impressos em algum universo perdido. Cheio de projetos literários que não saem da sua cabeça. Cursa Jornalismo na UFAL.

Saluna Salazar

Nascida em Maceió, em 1990, é graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, estado em que morou por uma década. Hoje, vive em sua cidade natal. Escreve em seu blog pessoal: lunaslzr.blogspot.com

leandro Rodrigues

(1976-). Nasceu em Osasco –SP. É Poeta e Professor de Literatura. Lançou em 2016 o seu 1º livro: Aprendizagem Cinza pela Editora Patuá. Em 2017 participou do Jornal de Literatura O Casulo Nº 11 e 12 e do livro Hiperconexões, Ed. Patuá. Mantém seus escritos no blogue: nausaeconcreta.blogspot.com.br e em Zona da Palavra. Já publicou poemas em vários sites e revistas de literatura do Brasil, Portugal e Espanha.

alvaro jardel de Oliveira

Nascido na cidade de Belém do Pará/Brasil. É formado em Ciências Sociais e possui mestrado em Sociologia. Atualmente, realiza seus estudos doutorais em Letras pela Universidade Federal do Pará. Vive na cidade de Manaus estado do Amazonas onde dedica-se ao magistério superior. A fotografia e as palavras têm sido seu refúgio e um lugar de compreensão do existir. “A trama da palavra com a imagem sempre despertou minha atenção. Sigo em travessia aprofundando os afetos que me tocam nessa trama”. Acredita que o escrever poesias é uma lida que também leva ao aprofundamento de nossa travessia e um modo de nos protegermos da infelicidade.

gabriel Folena

estudante do curso de História pela UFRRJ, escritor, aquariano, pesquisador da literatura fantástica de C. S. Lewis.

fernanda Fatureto

é poeta e jornalista. Bacharel em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Seu livro de estreia Intimidade Inconfessável foi publicado em 2014 pela Editora Patuá. Participa das antologias poéticas 29 de Abril: o verso da violência; Subversa 2 e Senhoras Obscenas. Possui poemas em revistas literárias do Brasil e na revista portuguesa InComunidade. Mais informações: <https://fernandafatureto.wordpress.com>

thiago Scarlata

é poeta, músico, escritor e criador/editor do Blog Literário Croqui. Teve poemas traduzidos para o espanhol, publicados em antologias e também nas Revistas Gueto, Escamandro, Mallarmagens, Monolito, Janelas em Rotação, Poesia Brasileira Hoje, Poesia Avulsa, MOTUS, Jornal RelevO, além de blogs literários. Foi finalista do PRÊMIO SESC DE LITERATURA 2016 e JAYME ROLDON 2011, e vencedor do CONCURSO MOTUS – MOVIMENTO LITERÁRIO DIGITAL 2017. É autor do livro de poesia “Quando Não Olhamos o Relógio, Ele Faz o Que Quer Com o Tempo” (Editora Multifoco, 2017). E-mail: scarlatatts@gmail.com Telefone: (21) 96962-2336

Carla Andressa

Cursa bacharelado em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro onde pesquisa nas áreas de História da Arte e Gênero.

matheus Moura Ferreira

estudante, adorador de cinema e literatura. Sem a menor ideia de que profissão seguir em um futuro próximo.

celso Yokomiso

Celso Takashi Yokomiso nasceu em São Paulo, aos 09/06/1974. Graduado em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Mestre e Doutor em Psicologia Social pelo IP-USP. Docente da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Escreveu LIMITES (prêmio Festival Universitário Xerox do Brasil e Livro Aberto, publicado pela Ed. Cone Sul, 1998) e HIATOS (prêmio Nascente-USP, 1999). Possui contos e poesias divulgados por revistas literárias (Revista Gueto, 2017; Subversa, 2017).
Email: celsoty@yahoo.com.br

lislely Nogueira

é uma das idealizadoras do Ignoto Projeto Literário, criado para desenvolver ações e projetos voltados para a literatura. Possui textos publicados em várias coletâneas no formato e-book e revistas digitais. Assina o www.lisnogueira.prosaeverso.net

rhary Oliveira

Canhoto, daltônico, nascido no carnaval e de nome Rhary. Ex-aluno do cefet-al e formado em Direito pela UFAL, é advogado e nas horas vagas se propõe a enlouquecer pela linguagem, manifestada na literatura de Manoel de Barros, Fernando Sabino e Galeano, no cinema de Bergman e na música brasileira psicodélica-tropical-transante-maldita-nordestina. Pretende publicar seu primeiro livro de poesias já finalizado e enquanto isso vai agarrando as ideias e acumulando projetos inacabados de músicas, contos, curtas, crônicas e maluquices inominadas.

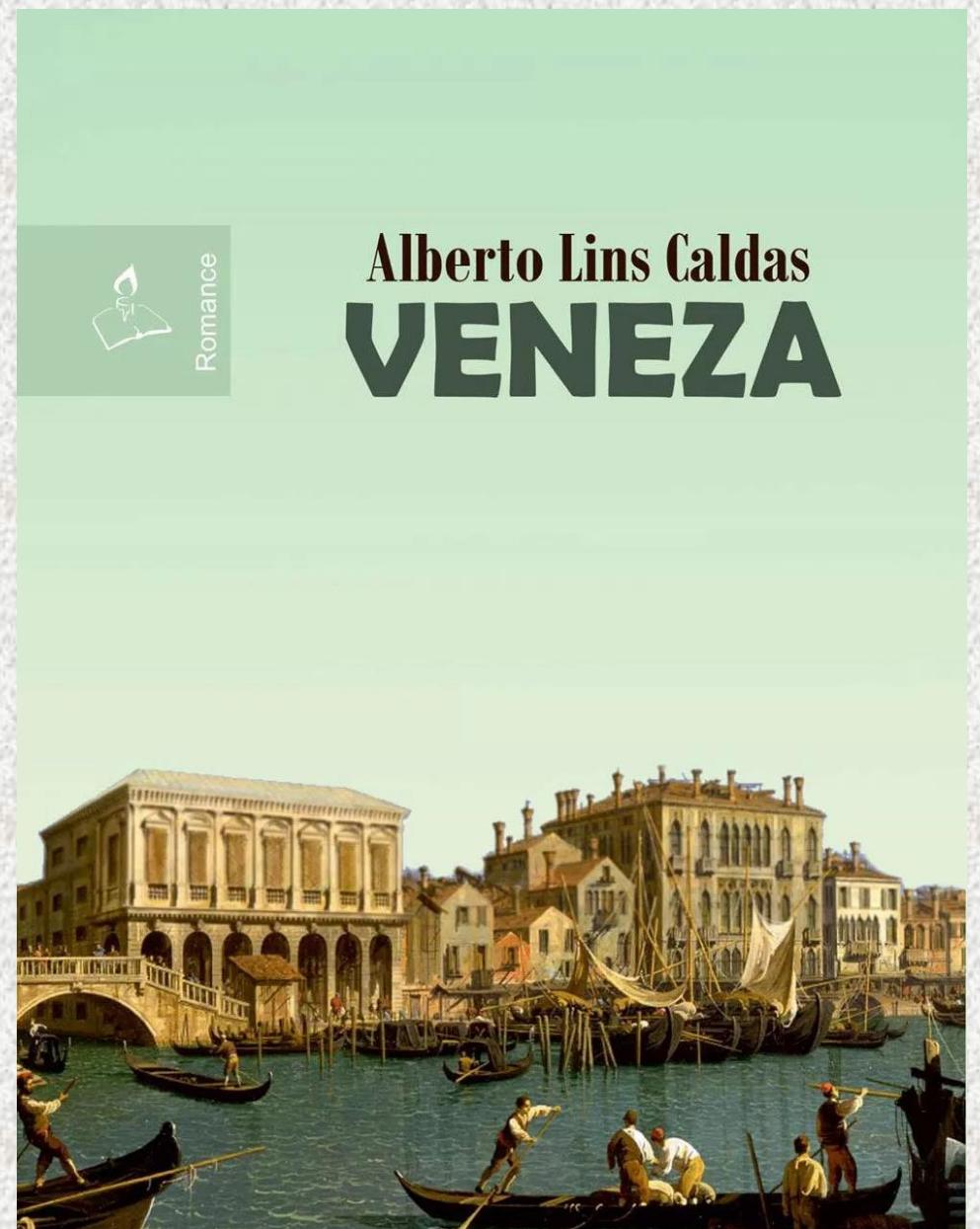
eduard Traste

descobriu que não tinha salvação. Desde então vem destilando os necessários pingos de vida para seguir em frente, de seus escritos e outros tragos. Diariamente compartilha alguns de seus poemas, junto com outro camarada, no site: www.estrAbismo.net

munique Duarte

nasceu e vive em Santos Dumont-MG. É jornalista sindical, formada pela UFJF. Tem textos publicados em sites, revistas e jornais literários e dois livros lançados, Espelho Oxidado (contos) e O salto do guepardo (romance). É colunista da Philos Revista de Literatura da União Latina. Bloga em textosimperdoaveis.blogspot.com

"Veneza é um imenso romance. E pronto. Foi engendrado em outro mundo. Em outra língua. Veneza inaugura uma linguagem além do barroco, além de Vieira, além-simetrias: o labirinto é um monstro repleto de vazio, o fora próprio da linguagem. Em Veneza nada é, tudo vem e passa sem o estado de presença. A chama seria a forma deste romance, mas uma chama vista através de um espelho d'água. Uma chama apaixonada pela água, amante do fluir cristalino."
Carlos Moreira



Veneza: Novo romance de **Alberto Lins Caldas**, conselheiro editorial da Revista.

#11
PE
DRA